

## AS TEKHNAI NA REPÚBLICA

Jean Farias<sup>1</sup>

**RESUMO:** Na *República* Platão assume que a τέκνη é um fator fundamental para agregar as pessoas dentro de uma vida em comum e organiza as relações de modo que a cidade tenha o melhor sistema político possível, onde cada um exerce o ἔργον que lhe cabe. Para tanto o filósofo defende que a função exercida por cada membro da πόλις esteja de acordo com a sua natureza. É a partir dessa premissa que se torna importante verificar dentro do texto platônico como ele articula elementos importantes para defender tal pressuposto. Neste caso temos que verificar a relação da τέκνη com o ἔργον e da τέκνη com a ἐπιστήμη sem negligenciar como a τέκνη pode ser considerada algo que beneficia a cidade como um todo.

**Palavras-chave:** *República*; *Tékhnē*; *érgon*; platonismo

**ABSTRACT:** In the *Republic* Plato assumes that τέκνη is a fundamental factor for bringing people together within a common life and he organizes relations so that the city has the best political system possible, where each one exercises the ἔργον that is fit for him/her. In this sense, the philosopher asserts that the function practiced by each member of the polis should be in accordance with his/her nature. It is from this premise that it becomes important to verify within the Platonic text how he articulates important elements to defend this assumption. In this case we have to verify the relationship of τέκνη with ἔργον and of τέκνη with ἐπιστήμη without neglecting how τέκνη can be considered something that benefits the city as a whole.

**Key-words:** *The Republic*, *Tékhnē*, *ergon*, Platonism

---

<sup>1</sup> Doutor em filosofia pelo Programa Pós-Graduação Lógica e Metafísica (PPGLM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## Introdução

Neste artigo pretendemos abordar três aspectos das τέχναι na *República*. A saber, que se trata de um elemento que favorece para que os seres humanos se reúnam em comunidade, que é um fator que traz benefício para a comunidade, e que isso se dá pois, possuir uma τέχνη é possuir um tipo de conhecimento específico.

Assim, poderemos afirmar que, mais além de reconhecer a habilidade produtiva como uma competência humana capaz de conferir a capacidade para produzir roupas, calçados, casas, domesticar animais e tirar o alimento da terra, Platão considera o valor das τέχναι na constituição social das πολεῖς. Isso, pois, os seres humanos, dotados de habilidades distintas, buscando amenizar as carências que têm em comum, reúnem-se em um local e estabelecem o modo de vida coletivo. Então, a satisfação das necessidades por meio da produção de recursos básicos, no primeiro momento, seria o fator responsável pela reunião de pessoas em comunidades (συννοικία), já que, na concepção platônica, o ser humano, apartado de um grupo social, não seria capaz de satisfazer plenamente todas as carências que o fragiliza.<sup>2</sup> Por isso:

Um homem chama um outro para ajudá-lo em uma necessidade e um outro em uma outra e, já que precisam de muitas coisas, reúnem muitos em um único local de morada, tendo-os como companheiros e auxiliares, a essa vida comum chamamos de cidade. (*Rep.* II, 369c)<sup>3</sup>

Essa análise, quase que sociológica, feita por Platão é seguida de uma consideração acerca da natureza humana que incide sobre a divisão do trabalho: no diálogo, ele nos mostra Sócrates a observar uma relação indissociável entre a natureza

---

<sup>2</sup> Cf. γίγνεται τοῖνον, ἦν δ' ἐγώ, πόλις, ὡς ἐγῶμαι, ἐπειδὴ τυγχάνει ἡμῶν ἕκαστος οὐκ αὐτάρκης, ἀλλὰ πολλῶν ὧν ἐνδεής: ἢ τίν' οἶει ἀρχὴν ἄλλην πόλιν οἰκίζεῖν; (*Rep.*, II, 369) Uma cidade nasce, parece me, porque cada um de nós não é auto-suficiente, mas carente de muitas coisas. Ou crês que haja um outro princípio para fundação de uma cidade? (Tradução: Anna Lia Amaral de Almeida Prado)

<sup>3</sup> Cf. οὕτω δὴ ἄρα παραλαμβάνων ἄλλος ἄλλον, ἐπ' ἄλλου, τὸν δ' ἐπ' ἄλλου χρεῖα, πολλῶν δεόμενοι, πολλοὺς εἰς μίαν οἴκησιν ἀγείραντες κοινωνοὺς τε καὶ βοηθοὺς, ταύτη τῇ συννοικίᾳ ἐθέμεθα πόλιν ὄνομα (Tradução: Anna Lia Amaral de Almeida Prado)

humana e as atividades produtivas, tornando tal relação a justificativa para o modo de produção mais adequado:

[...] cada um de nós não é semelhante a cada um dos outros, mas por natureza (τὸν φύσιν), é diferente, sendo um feito para realizar um trabalho (ἔργου πράξει) e outro para um outro. [...] E então, quem agiria melhor? Quem, apesar de ser um só, trabalha muitas artes (τέχνας) ou quem, já que é um só, trabalha uma só? (*Rep.*, II, 37a-b)<sup>4</sup>

O estabelecimento da natureza humana como condição determinante para realização das funções específicas dentro de uma comunidade é o aspecto que influi no modo como os seres humanos se organizam, e isso, de certa forma, serve como amálgama entre os pressupostos históricos e sociais que Platão apresenta, e a sua proposta filosófica expressa na *República*.<sup>5</sup> Um dos principais aspectos que deriva dessa proposta platônica é a concepção de uma justaposição de caráter entre o ser humano e a própria cidade, aspecto este reforçado na medida em que Platão confirma os vínculos existentes entre os concidadãos.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Cf. [...] ἐννοῶ γὰρ καὶ αὐτὸς εἰπόντος σοῦ, ὅτι πρῶτον μὲν ἡμῶν φύεται ἕκαστος οὐ πάνυ ὁμοῖος ἐκάστῳ, ἀλλὰ διαφέρων τὴν φύσιν, ἄλλος ἐπ' ἄλλου ἔργου πράξει. [...] τί δέ; πότερον κάλλιον πράττοι ἂν τις εἷς ὢν πολλὰς τέχνας ἐργαζόμενος, ἢ ὅτανμίαν εἷς; (Tradução: Anna Lia Amaral de Almeida Prado, como modificações.) Esse caráter também soa como se fosse uma premissa histórica da natureza humana, embora ele seja apresentado após a proposta de fundação da *pólis lógoi*. Mas sobretudo, há de se destacar que a experiência grega de fundações das cidades está muito relacionada à fundação de colônias, ou seja, a própria cidade envia cidadãos para outras áreas tendo como objetivo de fundar outras cidades. Por isso a tese platônica apresentada a partir do segundo livro da *República*, nos serve como um momento que antecede ao processo de fundação da *pólis* e do estabelecimento de uma política, que seria, segundo a nossa interpretação a determinação de um governo e de uma forma de governo.

<sup>5</sup> Em seu comentário à passagem Adam nos lembra que a natureza humana se principia na conjunção corpo e alma e é essa natureza que em comunhão com outras formas um peculiar ao conjunto de cidadãos que formam a *pólis*. “The City of II—IV is a κατὰ φύσιν οἰκισθεῖσα πόλις. What is meant by φύσις? Not inorganic Nature, but the “nature” πόλις is or aggregate of πολῖται (as the unit in a city is the man) human nature, in other words, the nature of the human soul, which, according to Plato and Socrates, constitutes a man's true and proper individuality. It is not however human nature as it is, but as it ought to be, which is the foundation on which the Platonic State is built; so that, although the doctrine of transcendent Ideas is excluded from the first four books (see on III 402 c), Idealism at all events is present. See also Krohn Plat. Frage pp. 8–11, and (for the connotation of φύσις) Benn's article on “The Idea of Nature in Plato” in *Archiv f. Gesch. d. Phil.* IX pp. 24–49 and Pöhlmann I.e., pp. 110 ff.” ADAM, 2010, p. 95

<sup>6</sup> Em outra constatação supostamente histórica Sócrates demonstra que os três tipos de alma aparecem reproduzidas nas cidades históricas, determinando pelo menos três tipos de caracteres para as cidades: as que são irascíveis, aparentemente dispostas aos combates; as que são têm apego à riqueza e ao luxo e as que são afeitas ao conhecimento. E, segundo a postulação de Sócrates isso se dá devido aos caracteres dos

A instituição do ἔργον em concordância com φύσις concede à *pólis* seu primeiro estatuto, que será elaborado na medida em que o diálogo se desenvolve. Nesse sentido, Anne Balansard (2001, p. 291-292)<sup>7</sup> ressalta que a composição da *pólis lógoi* é dada pela divisão de tarefas, que oferece uma estruturação básica delimitada pelo exercício específico da atividade. Giuseppe Cambiano (1991, p.228)<sup>8</sup> antes, já destacava que o caráter estruturante, formulado a partir da relação entre a natureza humana e a função na cidade, fornece o estatuto objetivo e um sistema organizacional para a *pólis*. Tanto a análise de Balansard quanto a de Cambiano incidem sobre o primeiro momento da *pólis lógoi*, mas não deixam de apontar que essa relação entre a natureza humana e a função na comunidade é um princípio para a estruturação política das classes da *pólis lógoi*.<sup>9</sup>

---

cidadãos de cada cidade. ἄρ' οὖν ἡμῖν, ἦν δ' ἐγώ, πολλὴ ἀνάγκη ὁμολογεῖν ὅτι γε τὰ αὐτὰ ἐν ἐκάστῳ ἔνεστιν ἡμῶν εἶδη τε καὶ ἦθη ἅπερ ἐν τῇ πόλει; οὐ γάρ που ἄλλοθεν ἐκεῖσε ἀφίκται. γελοῖον γάρ ἂν εἴη εἰ τις οἰηθείη τὸ θυμοειδὲς μὴ ἐκ τῶν ἰδιωτῶν ἐν ταῖς πόλεσιν ἐγγεγονέναι, οἳ δὴ καὶ ἔχουσι ταύτην τὴν αἰτίαν, οἷον οἱ κατὰ τὴν Θράκιαν τε καὶ Σκυθικὴν καὶ σχεδόν τι κατὰ τὸν ἄνω τόπον, ἢ τὸ φιλομαθές, ὃ δὴ τὸν παρ' ἡμῖν μάλιστα ἂν τις αἰτιάσαιτο τόπον, ἢ τὸ φιλοχρήματον τὸ περὶ τοὺς τε Φοίνικας εἶναι καὶ τοὺς κατὰ Αἴγυπτον φαίη τις ἂν οὐχ ἦκιστα. (*Rep.*, IV, 435e-436a) “por ventura não é absolutamente forçoso que concordemos que cada um de nós está presente as mesmas partes e caracteres que na cidade? Não é, efectivamente, de nenhum outro lado que elas para lá vão. Seria, na verdade, ridículo que alguém supusesse que a irascibilidade não provinha dos habitantes das cidades que são acusados de ter esse temperamento, como da Trácia e da Cítia e que quase todas as regiões setentrionais; ou o gosto pelo saber, que poderia atribuir-se de preferência à nossa região; ou o amor das riquezas que não deixaria de imputar aos Fenícios e aos Egípcios.” (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

<sup>7</sup> Cf. “Revenons au principe de la répartition des tâches. Ce principe permet bien de séparer les fonctions au sien de la cité et d’isoler une fonction guerrière, mais il ne permet pas de les hiérarchiser. En d’autres termes, le principe de la répartition des tâches ne justifie pas, la partition de la cité en trois classes, partition que Socrate explicite dans un mythe des races”.

<sup>8</sup> Cf. “Nella Repubblica delimitazione del campo delle singole tecniche, gerarchia tra uso e produzione e distinzione dei livelli ontologici vengono a confluire in un tessuto unitario. Ne risulta, come se è visto, un’immagine di città strutturata gerarchicamente, alla quale corrisponde, in simmetria perfetta, un’analogia immagine di campi e forme del sapere gerarchicamente strutturati. Se la delimitazione del campo di una tecnica non è frutto di convenzione, mas ha un carattere oggettivo diventa possibile inferirne una corrispondente unilaterale naturale delle doti umane nell’esercizio di una tecnica: come ogni tecnica, essendo strutturalmente connessa a determinati oggetti, non può sostituirsi o confondersi con altre - ed eccezione di quelle pseudo-tecniche che sono le imitazioni - così ogni tecnico, essendo strutturalmente legato all’esercizio di una sola tecnica, non può arrogarsi l’esercizio di altre tecniche, con tutte le conseguenze di ordine politico che ben conosciamo”.

<sup>9</sup> Posteriormente, essa circunstância será explícita no momento em que Sócrates vedar o trânsito entre os elementos constitutivos das classes, não porque uma é mais importante que a outra, mas pelo fato das funções demandarem ciências específicas desenvolvidas por naturezas apropriadas. Nas palavras de Sócrates: ἀλλ’ ὅταν γε οἶμαι δημιουργὸς ὢν ἢ τις ἄλλος χρηματιστὴς φύσει, ἔπειτα ἐπαιρόμενος ἢ πλούτῳ ἢ πλήθει ἢ ἰσχύϊ ἢ ἄλλῳ τῷ τοιούτῳ εἰς τὸ τοῦ πολεμικοῦ εἶδος ἐπιχειρῆ ἰέναι, ἢ τῶν πολεμικῶν

## 1. Τέχνη e ἔργον

Todavia, para chegar até esse ponto mais avançado da conformação política da *pólis lógoi* temos que analisar a concepção de τέχνη exposta na *República*, destacando alguns importantes pontos intermédios, a saber, o modo de produção considerado como mais eficiente, o caráter de utilidade que se extrai da posse das τέχναι e a dimensão epistêmica que elas possuem.

A análise do primeiro ponto passa pela pergunta feita por Sócrates: “Quem agiria melhor sendo um só, alguém que trabalha muitas artes ou quando [trabalha] uma única?” (*Rep.*, II, 370b)<sup>10</sup>. O cerne dessa questão está na oposição entre os dois modos de produção “o que trabalha muitas artes” opõe-se ao de “quem trabalha uma única arte.” O termo ἐργαζόμενος, particípio do verbo médio passivo ἐργάζομαι, que Hesíodo, por exemplo, usa para dizer que a raça de humanos trabalhava com bronze<sup>11</sup>, cujo tema ἐργα- origina a palavra ἔργον,<sup>12</sup> nessa passagem, está ligado a τέχνας, transmitindo a ideia de que se pode trabalhar de um modo específico, no caso, com muitas artes, enquanto a disjunção posta na pergunta estabelece um segundo modo de

---

τις εἰς τὸ τοῦ βουλευτικοῦ καὶ φύλακος ἀνάξιος ὢν, καὶ τὰ ἀλλήλων οὔτοι ὄργανα μεταλαμβάνωσι καὶ τὰς τιμὰς, ἢ ὅταν ὁ αὐτὸς πάντα ταῦτα ἅμα ἐπιχειρῆι πράττειν, τότε οἶμαι καὶ σοὶ δοκεῖν ταύτην τὴν τούτων μεταβολὴν καὶ πολυπραγμοσύνην ὄλεθρον εἶναι τῇ πόλει. (*Rep.*, IV, 434a-b) “Mas quando, penso eu, um homem for, de acordo com a sua natureza, um artífice ou negociante qualquer, e depois, exaltado pela riqueza, pela multidão, pela força ou qualquer atributo deste género, tentar passar para a classe dos guerreiros, ou um guerreiro para a dos chefes e guardiões, sendo indigno disso, e forem esses que permutem entre si instrumentos e honrarias, ou quando mesmo homem tentar exercer estes cargos todos ao mesmo tempo, – nesse caso penso que também acharás que esta mudança e confusão serão a ruína da cidade”. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

<sup>10</sup> Cf. πότερον κάλλιον πράττει ἂν τις εἷς ὢν πολλὰς τέχνας ἐργαζόμενος, ἢ ὅταν μίαν εἷς; (Tradução nossa.)

<sup>11</sup> Cf. ὦν δ' ἦν χάλκεα μὲν τεύχεα, χάλκεοι δὲ τε οἴκοι / χαλκῶ δ' εἰργάζοντο: μέλας δ' οὐκ ἔσκε σίδηρος. (*Os Trabalhos e os dias*, 150-151) Suas armas eram de bronze, de bronze suas casas, trabalhavam com bronze: negro ferro não existia. (Tradução: Alessandro Rolin de Moura.)

<sup>12</sup> Cf. “Nombreux dérivés dont le plus grand nombre represent sur un thème ἐργα- (...) Désidératif de ἐργάζομαι, εργασειώ. Tous ces dérivés sont issus d'un thème ἐργα- l'idée de Schwyaer, Gr Gr 1,500, de tirer ἐργάτης ou εργαζομαι do pluriel n. ἔργα reste en l'air. Mais il est difficile de trouver mieux. Un thème en dentale ἐργατα, pluriel neutre de ἔργον, rendrait dans une certaine mesure compétente de l'extension de ἐργα- (cf. ὀνομάζω de ὄνομα et Meillet, MSL 22, 1921, 228); ce thème este attesté chez Hsch. sous le lemme ἀγκαλίδας ἔλκει, mais le mot ἐργετα doit p. -ê être corrigé. Et l'on ne peut faire fond non plus sur le mycénien wekowekate Bader, o.c., §§16-17. CHANTRAINE, 1977, p. 364

trabalhar, a saber, “com uma única [arte]”. Essas alternativas são excludentes, assim, ou se trabalha com muitas artes ou se trabalha com uma única arte.

A construção argumentativa se dá a partir de três premissas: 1) por natureza as pessoas são diferentes; 2) cada natureza é apta para realizar uma função (ἔργου πράξις) e 3) trabalhar com uma única arte (τέχνη) é mais eficiente. Em termos de conceituação ampla e geral, mas simplista, “arte” (τέχνη) e “função” (ἔργον) podem ser entendidos como sinônimos, pois pela arte se alcança um resultado e essa afirmação se aplica também à função. Tal interpretação pode ser observada, por exemplo, em Maria Helena da Rocha Pereira e Anna Lia Amaral de Almeida Prado, que em suas traduções da *República*, para passagem supracitada, optaram por traduzir τέχνη por “ofício”. Obviamente essa escolha não é vedada pelos dicionários.<sup>13</sup> Não obstante, τέχνη, na *República*, se compreendida como um conjunto próprio de regras e leis que aderem a um ἔργον específico, vem a ser o elemento mediador da relação entre a φύσις humana e seu ἔργον. Cambiano (1991, p.66) identifica que, desde os primeiros diálogos, Platão atribui à τέχνη o fornecimento de recursos epistêmicos e metodológicos que possibilitam a execução adequada da função.<sup>14</sup> Algo que, de certa forma, é mencionado no *Íon* por Platão, na passagem que ele nos mostra Sócrates afirmando que a “cada uma das τέχναι foi atribuída pelo deus um poder de conhecer um certo ἔργον? Pois, eu suponho, as coisas que conhecemos pela arte de pilotar não conhecemos pela arte médica.”<sup>15</sup> Assim, o ἔργον pode ser definido como o trabalho que é melhor realizado

---

<sup>13</sup> O conceito de τέχνη em algumas ocasiões traz a noção de “habilidade de exercer a função” com a própria “função”. Entretanto, no argumento da República a dinâmica os dois termos, embora imbricados, trazem algumas nuances que os especificam de modo mais determinante.

<sup>14</sup> Cf. “Le tecniche appaiono il modello epistemologico per eccellenza. Le tecniche sono l'esemplificazione di che cosa significhi 'sapere'. Ciò che permette loro di possedere tale qualificazione consiste, secondo Platone, nella delimitazione di un campo di competenza. La forza e la debolezza delle tecniche poggia interamente su questa delimitazione. Per stabilire chi è un tecnico occorre chiarire qual è il campo, cioè quali sono gli oggetti costituenti tale campo, nel quale egli si dimostra tale”. CAMBIANO, 1991, p. 66

<sup>15</sup> Cf. οὐκοῦν ἐκάστη τῶν τεχνῶν ἀποδέδοται τι ὑπὸ τοῦ θεοῦ ἔργον οἷα τε εἶναι γινώσκειν; οὐ γάρ που ἂ κυβερνητικῆ γινώσκομεν, γινώσκομεθα καὶ ἰατρικῆ. (Ion, 537c Tradução: Cláudio Oliveira, com modificações.)

por um agente especializado, no caso um demiurgo específico, detentor da τέχνη específica.<sup>16</sup>

Cada τέχνη é responsável por uma área específica de atividade (ἔργον): isso pode consistir na produção de objetos (a flauta, o navio), nos modos de uso dos objetos (som, navegação) ou no cuidado (therapeía) de setores da natureza (a terra, os rebanhos, os corpos humanos). A τέχνη controla a totalidade de seu escopo (a medicina é o cuidado de todo o corpo) em todas as dimensões temporais. (VEGETTI, 2004. p. 197)<sup>17</sup>

“Isso envolve definir o ato e o produto específicos que caracterizam cada uma das artes. A definição precisa está enraizada e articula o trabalho adequado de uma coisa, a realização (telos) em vez de falha ou deficiência.” (EDWARDS, 2015, p.87)<sup>18</sup>

Importante destacar que, para assumir uma função segundo a natureza adequada deve-se ter também o compromisso com o aprimoramento do conhecimento dos meios práticos e teóricos, isso significa aprimorar a τέχνη. Em uma das passagens na qual Sócrates menciona a figura do guardião, ele diz que, “quanto mais importante for a função dos guardiões (τὸ τῶν φυλάκων ἔργον), tanto mais lazer que as outras ela exigirá e ainda arte (τέχνη) e máximo cuidado.” (Rep., II, 374d-e)<sup>19</sup> O “lazer” que Sócrates

---

<sup>16</sup> Isso pode ser observado pela passagem 370c-d, quando Sócrates menciona que mesmo os objetos de trabalho dos agricultores devem ser produzidos por outros demiurgos, portadores da τέχνη específica para a produção dos objetos. Cf. ὡς εἰκεν, οὐκ αὐτὸς ποιήσεται ἑαυτῷ τὸ ἄροτρον, εἰ μέλλει καλὸν εἶναι, οὐδὲ σμινύην, οὐδὲ τᾶλλα ὄργανα ὅσα περὶ γεωργίαν. οὐδ' αὖ ὁ οἰκοδόμος: πολλῶν δὲ καὶ τούτῳ δεῖ. ὡσαύτως δ' ὁ ὑφάντης τε καὶ ὁ σκυτοτόμος. (Rep., II, 370c-d.) Com efeito, não será o lavrador em pessoa, ao que parece, que fará o arado para si, se quer que seja perfeito, nem a enxada, nem os demais utensílios de lavoura. Nem, por sua vez, o próprio pedreiro; também esse precisa de muitas coisas. E do mesmo modo o tecelão e o sapateiro. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira) Cambiano comenta à passagem. Cf. “Per non contravvenire alla divisione del lavoro, le tecniche fondamentali (agricoltura, edilizia, ecc) richiedono la formazione di altre tecniche che producano gli strumenti del loro lavoro.” CAMBIANO, 1991, p.146

<sup>17</sup> Cf. “Ogni techne è preposta a un ambito specifico di attività (ergon): questo può consistere nella produzione di oggetti (il flauto, la nave), nelle condotte d'uso degli oggetti (il suono, la navigazione), o nella cura (therapeia) di settori della natura (la terra, i greggi, i corpi umani). La techne controlla la totalità del suo ambito (la medicina è cura dell'intero corpo) in tutte le dimensioni temporali”. (Tradução nossa)

<sup>18</sup> Cf. “This involves defining the particular act and product that characterizes each of the arts. ‘Precise’ definition is rooted in and articulates the proper work of a thing, the realization (telos) rather than failure or deficiency”. (Tradução nossa)

<sup>19</sup> Cf. οὐκοῦν, ἦν δ' ἐγώ, ὅσῳ μέγιστον τὸ τῶν φυλάκων ἔργον, τοσούτῳ σχολῆς τε τῶν ἄλλων πλείστης ἂν εἴη καὶ αὐτῆς τέχνης τε καὶ ἐπιμελείας μεγίστης δεόμενον. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira).

aponta nesse caso é na verdade a σχολή, um ócio contemplativo, dedicado aos estudos, um ócio produtivo e que está em pé de igualdade com a própria τέχνη. A intenção, nesse caso, é desenvolver o demiurgo para a melhor execução da sua atividade, fazer dele um especialista exato naquilo que é o seu ofício.

Para entender como a excelência na realização da função é importante dentro da cidade, podemos partir do exemplo do instrumento apropriado para a poda de videiras, que vem a ser ilustrativo para posicionarmos o argumento em seu princípio. Diz Sócrates na passagem:

E então, poder-se-iam talhar os sarmentos da vinha com uma faca, uma lanceta ou muitos outros instrumentos? – Como não? – Mas, com coisa alguma se executaria tão perfeitamente a tarefa, segundo julgo, como com uma podoa manufaturada para o efeito. – É verdade. – Então não aceitaremos que é esta a sua função (ἔργον)? – Aceitaremos, portanto. – Penso que agora entenderás melhor o que há pouco eu perguntava, ao interrogar se a função (ἔργον) de cada coisa não era aquilo que ela executava, ou só ela, ou melhor que as

---

Embora não seja do nosso interesse, por enquanto, abordar a figura do guardião, a passagem é relevante para observarmos a relação entre o ἔργον, a φύσις e a τέχνη. Cf. ἀλλ' ἄρα τὸν μὲν σκυτοτόμον διεκωλύομεν μήτε γεωργὸν ἐπιχειρεῖν εἶναι ἅμα μήτε ὑφάντην μήτε οἰκοδόμον ἀλλὰ σκυτοτόμον, ἵνα δὴ ἡμῖν τὸ τῆς σκυτικῆς ἔργον καλῶς γίγνοιτο, καὶ τῶν ἄλλων ἐνὶ ἐκάστῳ ὡσαύτως ἐν ἀπεδίδομεν, πρὸς ὃ ἐπεφύκει ἕκαστος καὶ ἐφ' ᾧ ἔμελλε τῶν ἄλλων σχολὴν ἄγων διὰ βίου αὐτὸ ἐργαζόμενος οὐ παρῆεις τοὺς καιροὺς καλῶς ἀπεργάσασθαι: τὰ δὲ δὴ περὶ τὸν πόλεμον πότερον οὐ περὶ πλείστου ἐστὶν εὖ ἀπεργασθέντα; ἢ οὕτω ῥάδιον, ὥστε καὶ γεωργῶν τις ἅμα πολεμικὸς ἔσται καὶ σκυτοτομῶν καὶ ἄλλην τέχνην ἠντινοῦν ἐργαζόμενος, πεττευτικὸς δὲ ἢ κυβευτικὸς ἰκανῶς οὐδ' ἂν εἷς γένοιτο μὴ αὐτὸ τοῦτο ἐκ παιδὸς ἐπιτηδεύων, ἀλλὰ παρέργῳ χρώμενος; καὶ ἀσπίδα μὲν λαβὼν ἢ τι ἄλλο τῶν πολεμικῶν ὄπλων τε καὶ ὀργάνων αὐθημερὸν ὀπλιτικῆς ἢ τινος ἄλλης μάχης τῶν κατὰ πόλεμον ἰκανὸς ἔσται ἀγωνιστής, τῶν δὲ ἄλλων ὀργάνων οὐδὲν οὐδένα δημιουργὸν οὐδὲ ἀθλητὴν ληφθὲν ποιήσει, οὐδ' ἔσται χρήσιμον τῷ μήτε τὴν ἐπιστήμην ἐκάστου λαβόντι μήτε τὴν μελέτην ἰκανὴν παρασχομένῳ; (*Rep.*, II, 374b-c). “Mas nós impedimos o sapateiro de tentar ser ao mesmo tempo lavrador, ou tecelão, ou pedreiro, e só o deixamos ser sapateiro, a fim de que a obra de sapato resultasse perfeita; e, do mesmo modo, a cada um atribuímos uma única tarefa, aquela para a qual cada um nasceu e havia de exercitar toda a vida, com exclusão de outras, sem postergar as oportunidades de se tornar um artífice perfeito. E no que respeita à guerra, não deve ligar-se ainda mais importância ao seu aperfeiçoamento? Ou é assim tão fácil que será ao mesmo tempo guerreiro qualquer lavrador, ou quem trabalha de sapateiro ou em qualquer arte, ao passo que ninguém pode tornar-se um bom jogador de damas ou dados, se não se dedicar a isso desde a infância, e se só o pratica como passatempo.? Se uma pessoa pegar um escudo ou em qualquer outra arma ou instrumento de guerra, tornar-se-á no próprio dia um lutador satisfatório com armas pesadas ou em qualquer outra espécie de combates, ao passo que o facto de tomar nas mãos qualquer outro instrumento não fará de ninguém artífice ou um atleta, nem será útil àquele que não tiver adquirido conhecimento de cada arte nem obtiver prática suficiente?” (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira, com modificações)



outras. – Entendo – respondeu – e parece-me que é essa a função de cada coisa. (*Rep.*, I, 353a-b)<sup>20</sup>

Em síntese, Sócrates afirma que a atividade de poda poderia ser feita por qualquer tipo de instrumento de corte, entretanto é melhor realizado por uma faca específica. Nesse arco argumentativo, a questão está sendo colocada no âmbito da ἀρετή de cada coisa, ou seja, o que faz a função ser mais bem executada é a ἀρετή que é inerente ao objeto. Outro exemplo usado por Sócrates é da relação entre a função (ἔργον) do olho e sua excelência (ἀρετή):

Bem – disse eu – Portanto, não te parece ter uma virtude (ἀρετή) que lhe é própria tudo aquilo que está carregado de uma função (ἔργον)? Tornaremos ao mesmo ponto: os olhos, dizíamos nós, têm uma função (ἔργον)? – Têm. – Portanto, têm também uma virtude (ἀρετή)? – Têm também uma virtude. (...) – Ora bem! Porventura os olhos cumpririam bem a sua função, se não tivessem a virtude (ἀρετή) própria, mas um defeito em vez dela? – Como poderia fazê-lo? – retorquiu – referes-te talvez à cegueira ἀρετή ira, em vez da vista? (*Rep.*, I, 353b-c)<sup>21</sup>

Aparentemente os exemplos do instrumento de podar videira e dos olhos são similares, mas devemos entendê-los em suas especificidades. A função do olho, enxergar, só pode ser exercida pelo olho, então é uma função exclusiva.<sup>22</sup> Por sua vez,

<sup>20</sup> Cf. τί δέ; μαχαίρα ἂν ἀμπέλου κλήμα ἀποτέμοις καὶ σμίλη καὶ ἄλλοις πολλοῖς; - πῶς γὰρ οὐ; - ἀλλ' οὐδενί γ' ἂν οἶμαι οὕτω καλῶς ὡς δρεπάνῳ τῷ ἐπὶ τούτῳ ἔργασθεντι. - ἀληθῆ. - ἄρ' οὖν οὐ τοῦτο τοῦτου ἔργον θήσομεν; - θήσομεν μὲν οὖν - νῦν δὴ οἶμαι ἄμεινον ἂν μάθοις ὃ ἄρτι ἠρώτων, πυνθανόμενος εἰ οὐ τοῦτο ἐκάστου εἶη ἔργον ὃ ἂν ἢ μόνον τι ἢ κάλλιστα τῶν ἄλλων ἀπεργάζηται. - ἀλλά, ἔφη, μανθάνω τε καὶ μοι δοκεῖ τοῦτο ἐκάστου πράγματος ἔργον εἶναι. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

<sup>21</sup> Cf. εἶεν, ἦν δ' ἐγώ. οὐκοῦν καὶ ἀρετὴ δοκεῖ σοι εἶναι ἐκάστῳ ὅπερ καὶ ἔργον τι προστέτακται; ἴωμεν δὲ ἐπὶ τὰ αὐτὰ πάλιν: ὀφθαλμῶν, φαμέν, ἔστι τι ἔργον; - ἔστιν. - ἄρ' οὖν καὶ ἀρετὴ ὀφθαλμῶν ἔστιν; - καὶ ἀρετὴ. (...) - ἔχε δὴ: ἄρ' ἂν ποτε ὄμματα τὸ αὐτῶν ἔργον καλῶς ἀπεργάσαιτο μὴ ἔχοντα τὴν αὐτῶν οἰκείαν ἀρετὴν, ἀλλ' ἀντὶ τῆς ἀρετῆς κακίαν; - καὶ πῶς ἂν; ἔφη: τυφλότητα γὰρ ἴσως λέγεις ἀντὶ τῆς ὀψεως. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

<sup>22</sup> O exemplo da função do olho se assemelha a outro mencionado anteriormente por Sócrates. Também em conversa com Polemarco, ele recorreu ao termo ἔργον para destacar o aspecto característico da natureza do fogo, cuja “tarefa” é aquecer e não esfriar. Disse Sócrates ao filho de Céfalo: οὐ γὰρ θερμότητος οἶμαι ἔργον ψύχειν ἀλλὰ τοῦ ἐναντίου. (*Rep.*, I, 335d.) Não é, creio, tarefa (ἔργον) do calor o tornar frio, mas a do contrário. (Tradução: Anna Amaral de Almeida Prado.) Nesse caso, o ἔργον do fogo é aquecer porque ele teria uma φύσις quente ou, por outro viés, a sua ἀρετή é causar o aquecimento e não esfriamento.

a função do instrumento de podar pode ser realizada por qualquer outro instrumento, mas é melhor realizada por aquele que para isso é próprio, trata-se de uma função ideal. A excelência (ἀρετή) de algo é de algo com uma função (ἔργον) e garante a qualidade de realização da função que lhe cabe, embora não lhe garanta exclusividade na execução. Para artefatos, de modo geral, isso é uma regra, qualquer objeto pode ser usado para muitos propósitos, mas comumente se espera que o instrumento projetado para uma finalidade exerça com mais excelência a função específica, ou seja, o instrumento funciona melhor quando, segundo a ἀρετή própria, é utilizado especificamente na função que lhe cabe. A descrição da ἀρετή segundo essa perspectiva estaria funcionando de forma análoga à descrição da τέχνη que proporciona a cada natureza apta o bom exercício de sua função específica.

Para explicar o que, nesse contexto, está especificando τέχνη e ἔργον a partir das atividades produtivas que se exercem na cidade, temos que recorrer a exemplos que não estão dispostos linearmente na estrutura argumentativa da *República*. Todavia, o entendimento das passagens proporciona a compreensão de que a τέχνη, de certa forma, precede o ἔργον exercido. Para começar, observemos que, dentro do contexto da criação da *pólis lógoi*, Sócrates enumera alguns demiurgos que estariam na base da organização da cidade no primeiro momento de sua existência:

Existirá outra solução que não seja haver um que seja lavrador, outro pedreiro, outro tecelão? Acrescentar-lhe-emos também um sapateiro ou qualquer artífice que se ocupe do que é relativo ao corpo. (*Rep.*, II,369d)<sup>23</sup>

Nesse caso ele está identificando os agentes propriamente ditos para em seguida explicitar o modo de produção:

Deve cada um desses homens executar o seu trabalho próprio (τὸ αὐτοῦ ἔργον), para ser comum a todos? Por exemplo, o lavrador, sozinho fornecerá trigo para quatro, gastará o quádruplo do tempo e

---

<sup>23</sup> Cf. ἄλλο τι γεωργὸς μὲν εἶς, ὁ δὲ οἰκοδόμος, ἄλλος δὲ τὶς ὑφάντης; ἢ καὶ σκυτοτόμον αὐτόσε προσθήσομεν ἢ τιν' ἄλλον τῶν περὶ τὸ σῶμα θεραπευτῆν; (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

do esforço com a obtenção do trigo para partilhar com os outros, ou preocupar-se-á apenas consigo, e preparará a quarta parte deste trigo, na quarta parte do seu tempo, e com os outros três quartos gastá-los-á um na construção de uma casa, outro ainda de calçado, e, sem as partilhar com outros, terá coisas, fazendo por si mesmo o que é seu. Adimanto declarou: – Talvez seja mais fácil do primeiro modo do que do segundo, ó Sócrates. (*Rep.*, II, 369e-7370a)<sup>24</sup>

O modo de produção se dá por meio de τὸ αὐτοῦ ἔργον, ou seja, cada demiurgo, segundo o domínio da τέχνη, realiza apenas a função que lhe é própria, estabelecendo a excelência na realização de sua tarefa.<sup>25</sup>

Para verificar como essas funções se dão a partir de um método e conhecimento específico, temos que buscar referências no primeiro e no sexto livro. No primeiro livro, em conversa com Trasímaco, Sócrates alerta seu interlocutor que a τέχνη é inerente a uma função (ἔργον) específica:

E o Piloto? O piloto como deve ser, é chefe dos marinheiros ou marinheiro? – É chefe dos marinheiros. – Não é preciso tomar em linhas de conta para nada o facto de ele estar embarcado no navio; não é por isso que deverá chamar-lhe marinheiro, pois não é pelo facto de ele navegar que se lhe chama piloto, mas pela sua arte (ἀλλὰ κατὰ τὴν τέχνην) e pelo comando dos marinheiros. – É verdade. (*Rep.*, I, 341c-d)<sup>26</sup>

Já no sexto livro, Sócrates, novamente recorrendo ao exemplo do piloto do navio, esclarece que a posse de conhecimentos metodológicos e de procedimentos são

---

<sup>24</sup> Cf. ἓνα ἕκαστον τούτων δεῖ τὸ αὐτοῦ ἔργον ἅπασιν κοινὸν κατατιθέναι, οἷον τὸν γεωργὸν ἓνα ὄντα παρασκευάζειν σιτία τέτταρσιν καὶ τετραπλάσιον χρόνον τε καὶ πόνον ἀναλίσκειν ἐπὶ σίτου παρασκευῆ καὶ ἄλλοις κοινωνεῖν, ἢ ἀμελήσαντα ἑαυτῷ μόνον τέταρτον μέρος ποιεῖν τούτου τοῦ σίτου ἐν τετάρτῳ μέρει τοῦ χρόνου, τὰ δὲ τρία, τὸ μὲν ἐπὶ τῇ τῆς οἰκίας παρασκευῆ διατρίβειν, τὸ δὲ ἱματίου, τὸ δὲ ὑποδημάτων, καὶ μὴ ἄλλοις κοινωνοῦντα πράγματα ἔχειν, ἀλλ' αὐτὸν δι' αὐτὸν τὰ αὐτοῦ πράττειν; καὶ ὁ Ἀδείμαντος ἔφη: ἀλλ' ἴσως, ὦ Σώκρατες, οὕτω ῥῆον ἢ 'κείνως. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

<sup>25</sup> Essa exposição antecede a pergunta acerca de como é melhor trabalhar as artes, por isso a descrição dos modos de trabalho também se mostra a partir de uma oposição entre duas formas de produzir.

<sup>26</sup> Cf. τί δὲ κυβερνήτης; ὁ ὀρθῶς κυβερνήτης ναυτῶν ἄρχων ἐστὶν ἢ ναύτης; - ναυτῶν ἄρχων. οὐδὲν οἶμαι τοῦτο ὑπολογιστέον, ὅτι πλεῖ ἐν τῇ νηί, οὐδ' ἐστὶν κλητέος ναύτης: οὐ γὰρ κατὰ τὸ πλεῖν κυβερνήτης καλεῖται, ἀλλὰ κατὰ τὴν τέχνην καὶ τὴν τῶν ναυτῶν ἀρχήν. - ἀληθῆ, ἔφη. (Maria Helena da Rocha Pereira)

aspectos da τέχνη que o “verdadeiro piloto” deve possuir para dominar determinados modos de proceder para a condução da embarcação:

O verdadeiro piloto precisa se preocupar com o ano, as estações, o céu, os astros, o vento e tudo que diz respeito à sua arte (τῆ τέχνῃ), se quer de facto ser comandante do navio, a fim de governar, quer alguns o queiram, quer não. (*Rep.*, VI,488d-e)<sup>27</sup>

Essas passagens analisadas de modo articulado evidenciam que o exercício da função demanda a posse da τέχνη, ou seja, a τέχνη confere a cada φύσις uma δύναμις para assumir um ἔργον. É desse modo que os membros da cidade vêm a ser demiurgos capazes de executar uma atividade específica.

## 2. Das τέχναι resultam benefícios ou vantagens?

O modo de produção baseado na especialização do trabalho e na excelência da produção estabelece os laços que amarram as estruturas da *pólis lógoi* a partir da utilidade e benefício que cada dos demiurgos oferecem entre si. Trata-se, portanto, de uma estrutura social confeccionada a partir das relações que cada cidadão tem com o outro. Nós defendemos que, nesse primeiro momento, Platão está descrevendo uma condição que não abre margem para o interesse que não seja o bem comum a todos. Reeve, porém, tem uma leitura distinta desse contexto, ele defende que a chamada “primeira” *pólis* já possui os excessos que serão característicos de sua segunda fase. Diz Reeve que:

a primeira *pólis* é a *Kallípolis* para os amantes do dinheiro. Mas não é uma possibilidade real, porque não inclui nada para contrabalançar

---

<sup>27</sup> Cf. τοῦ δὲ ἀληθινοῦ κυβερνήτου περὶ μηδ’ ἐπαῖοντ ες, ὅτι ἀνάγκη αὐτῷ τὴν ἐπιμέλειαν ποιῆσθαι ἐν ναυτοῦ καὶ ὠρῶν καὶ οὐρανοῦ καὶ ἄστρον καὶ πνευμάτων καὶ πάντων τῶν τῆ τέχνῃ προσηκόντων, νεὶ μέλλει τῷ ὄντι νεὼς ἀρχικὸς ἔσεσθαι, ὅπως δὲ ἐ κυβερνήσειέαντε τινες βούλωνται ἔαντε μή. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

os efeitos desestabilizadores de apetites desnecessários e a pleonexia a que eles dão origem. (REEVE, 2001, p. 171-172)<sup>28</sup>

No que se refere à simples afirmação de que o primeiro estágio da cidade é criado para os amantes de dinheiro, não podemos concordar com Reeve, simplesmente porque o próprio Platão tece críticas e acusa os mercadores, que são os que efetivamente lidam com a moeda, de fracos (οἱ ἀσθενέστατοι τὰ σώματα) e inúteis (ἀχρεῖοι) para realizar outro trabalho (ἄλλο ἔργον πράττειν). A inclusão dessas figuras na cidade se justifica somente como papel secundário no sistema da *pólis* e, de modo geral, são excluídos do processo de produção como um todo. Nas palavras do filósofo:

Daí resultará para nós um mercado e a moeda, sinal dos resultados das trocas comerciais. – Absolutamente. – Mas se o lavrador, ou qualquer outro trabalhador, tiver trazido ao mercado algum dos seus produtos, e não chegar ao mesmo tempo que os que precisam de adquirir a sua mercadoria, há de ficar sentado na praça pública, sem ocupar de sua demiurgia? – De modo algum – respondeu ele –, mas há pessoas que, ao verem isto, se colocam neste serviço. Nas cidades bem administradas, são geralmente os mais débeis fisicamente e inúteis para qualquer outro trabalho. De facto, têm de permanecer ali pela praça pública, para comprar, por dinheiro, aos que precisam vender alguma coisa, e novamente para vender, por dinheiro, aos que necessitam fazer alguma compra. (*Rep*, II, 372c-d)<sup>29</sup>

Há de se considerar também que a cidade cresce, no seu primeiro estágio, em função das τέχναι que proporcionam soluções para as necessidades naturais que assolam o ser humano. Assim, o dinheiro não pode ser o que define a primeira *pólis*.

---

<sup>28</sup> Cf. “The First Polis is the *Kallípolis* for money-lovers. But it is not a real possibility because it includes nothing to counteract the destabilizing effects of unnecessary appetites and the pleonexia to which they give rise”. (Tradução nossa)

<sup>29</sup> Cf. δῆλον δὲ, ἢ δ’ ὅς, ὅτι παλοῦντες καὶ ὠνούμενοι. - ἀγορὰ δὲ ἡμῖν καὶ νόμισμα σύμβολον τῆς ἀλλαγῆς ἕνεκα γενήσεται ἐκ τούτου. - πάνυ μὲν οὖν. - ἂν οὖν κομίσας ὁ γεωργὸς εἰς τὴν ἀγορὰν τι ὦν ποιῆι, ἢ τις ἄλλος τῶν δημιουργῶν, μὴ εἰς τὸν αὐτὸν χρόνον ἦκη τοῖς δεομένοις τὰ παρ’ αὐτοῦ ἀλλάξασθαι, ἀργήσει τῆς αὐτοῦ δημιουργίας καθήμενος ἐν ἀγορᾷ; - οὐδαμῶς, ἢ δ’ ὅς, ἀλλὰ εἰσὶν οἱ τοῦτο ὀρῶντες ἑαυτοὺς ἐπὶ τὴν διακονίαν τάττουσιν ταύτην, ἐν μὲν ταῖς ὀρθῶς οἰκουμέναις πόλεσι σχεδόν τι οἱ ἀσθενέστατοι τὰ σώματα καὶ ἀχρεῖοι τι ἄλλο ἔργον πράττειν. αὐτοῦ γὰρ δεῖ μένοντας, αὐτοὺς περὶ τὴν ἀγορὰν τὰ μὲν ἀντ’ ἀργυρίου ἀλλάξασθαι τοῖς τι δεομένοις ἀποδόσθαι, τοῖς δὲ ἀντὶ αὐτοῦ ἀργυρίου διαλλάττειν ὅσοι τι δέονται πρίασθαι. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

Isso significa dizer que o exercício específico das funções visa muito mais do que uma dinâmica centrada na pleonexia, trata-se de como cada função pode ser útil dentro do contexto da cidade, facilitando o modo de vida de todos os que fazem parte da comunidade. (KENIES, 2014, p122)<sup>30</sup>

Outro aspecto importante é a análise de um dos adjetivos utilizados para determinar os que lidam com moeda, ἀρχεῖοι, que seria a antítese do termo que dá fundamento para a cidade, χρεία. A oposição entre os termos está no fato de que aquele, como dissemos, transmite a noção de “ser inútil”, também dicionarizada como “não ser bom em nada”, e esse traz o sentido de “necessidade”, também dicionarizada como “utilidade”.<sup>31</sup> Mas, o que de fato contraria o ponto de vista de Reeve é a separação que

---

<sup>30</sup> Kenneth Knies não exclui a questão econômica do sistema, mas temo que entender o termo em seu significado original, como “administração” (o termo “economia”, ou seja, οἰκονομία pode significar administração da “casa”, no caso, da cidade.) e ressalta a premissa dada por Sócrates, de que cada membro da comunidade, trabalhando na sua própria função, atende perfeitamente a necessidade do outro ao executar uma tarefa com excelência: “In such an understanding of the polis, the virtue of the division of labor is that each can better fulfill his own needs through the mediation of exchange. Specialization, says Socrates, results in “more plentiful and better quality goods” (370c). Each goes to work in her own field because the ὠφελεία she thereby renders will better fulfill the needs of others and, ultimately, her own. Others are partners and allies for me in my fulfillment of my own needs. The political δύναμις of work lies in its ability to procure this fulfillment. The principle governing the coordination of technai is thus economic in nature. Economics is the secret of political association. Each worker will understand her fitting into or belonging to the polis because she knows that her needs, whether basic or extravagant, bind her to the work and needs of others. A polis is essentially a need-coordinating mechanism.” KNIES, Kenneth, Taking the strict account of techne seriously: An interpretative direction in Plato's *Republic*, 111 - 125, ΣΧΟΛΗ Vol. 8. 1 (2014) p. 122

<sup>31</sup> Cf. “recours fait à un objet, à une personne” avec les spécialisations de pénurie” par la demande qui en résulte (att) “occupation” par les notions de service à accomplir, fonction, notamment au sens militaire, et, avec affaiblissement, “chose affaire” (att) “utilité” et emploi fait de “ (Thgn. 62, etc), “fréquentation” (att) sens concrets de relie aux valeurs sociales de χρῆσθαι; sens concrets de “après de navire” et surtout “chrie” exploitations successives d'un lieu commun, d'une maxime, dans un exercice rhétorique, d'où “bon mot” et (rhét), v. Redard o.c. 80sf, Hollerbach, Zur Bedeutuns des worles χρεία 1964 Tnraede, Rh mus. 105, 1962, 167 sq. CHANTRAINE, 1968, p. 1273 O alfa «α» privativo nega tudo que é descrito pelo conceito referido por Chantraine em seu dicionário etimológico da língua grega. Nas Leis Platão classifica o comércio como atividade não nobre e que não demanda muita excelência daqueles que o empreende. τοῦτο ἡμῖν χρῆι φάναι καὶ τὴν τοῦ νομίματος ἀπεργάζεσθαι δύναμιν, καὶ τὸν ἔμπορον ἐπὶ τοῦτω τετάχθαι δεῖ λέγειν. καὶ μισθωτὸς καὶ πανδοκεὺς καὶ ἄλλα, τὰ μὲν εὐσημονέστερα, [918ξ] τὰ δὲ ἀσημονέστερα γιγνώμενα, τοῦτό γε πάντα δύναται, πᾶσιν ἐπικουρίαν ταῖς χρείαις ἐξευπορεῖν καὶ ὀμαλότητα ταῖς οὐσίαις. τί ποτε δὴ τὸ μὴ καλὸν αὐτὸ μὴδ' εὐσημον δοκεῖν εἶναι, καὶ τί τὸ διαβεβληκὸς τυγχάνει, ἴδωμεν, ἵνα εἰ μὴ καὶ τὸ ὄλον, ἀλλ' οὖν μέρη γε ἐξιασώμεθα νόμῳ. πράγμα ἔσθ', ὡς ἔοικεν, οὐ φαῦλον, οὐδὲ συμκρᾶς δεόμενον ἀρετῆς. (Leis, XI, 918b-c). “E isto é, devemos dizer, o efeito produzido pelo poder do dinheiro, e devemos declarar que o comerciante é ordenado para esse propósito. E o mercenário, o estalajadeiro e o resto - alguns negócios mais e alguns menos respeitáveis - têm essa função, a saber, fornecer a todos os homens a plena satisfação de suas necessidades e a uniformidade de

Platão estabeleceu entre o lucro e a τέχνη. O filósofo já havia antecipado que a τέχνη proporciona o benefício e a utilidade para o outro, enquanto o lucro, que eventualmente é obtido, não deriva diretamente da τέχνη que é desenvolvida pela natureza daquele que exerce a função. Conforme está nas palavras de Sócrates:

Portanto, Trasímaco, é desde já evidente que nenhuma arte nem governo proporciona o que é útil a si mesmo, mas, como dissemos, proporciona e prescreve o que o é ao súdito, pois tem por alvo a conveniência deste, que é mais fraco, e não a do mais forte. Ora, é por isso, meu caro Trasímaco, que eu disse há bocado que ninguém quer espontaneamente governar e tratar e curar os males alheios, mas antes exige um salário, porquanto aquele que pretende exercer bem a sua arte jamais faz ou prescreve, no exercício da sua especialidade, o que é melhor para si mesmo, mas para o cliente. É por esse motivo, ao que parece, que é preciso proporcionar aos que que querem consentir em governar um salário – dinheiro ou honrarias –, ou um castigo, se não consentirem. (*Rep.*, I, 346e-347a)<sup>32</sup>

O aspecto da utilidade das τέχναι dentro de sua especificidade foi, preliminarmente, abordado no Livro I em dois momentos e fica orbitando em torno do termo ὠφέλεια, tendo como sentido a noção de benefício. Primeiro, na ocasião da conversa entre Sócrates e Polemarco, quando o mestre de Platão defende que as τέχναι são úteis em condições específicas, para objetos específicos, com necessidades específicas. Na ocasião, Sócrates debate com seu anfitrião se a justiça pode ser algo que

---

suas propriedades. Vejamos, então, em que comércio é reputado como algo não nobre nem mesmo respeitável, e o que o levou a ser menosprezado, a fim de que possamos remediar pela lei partes dele, pelo menos, se não o todo. Esse é um empreendimento, ao que parece, de pouca importância, e que não exige pouca virtude”. (Tradução nossa).

<sup>32</sup> Cf. οὐκοῦν, ὦ Θρασύμαχε, τοῦτο ἤδη δῆλον, ὅτι οὐδεμία τέχνη οὐδὲ ἀρχὴ τὸ αὐτῇ ὠφέλιμον παρασκευάζει, ἀλλ', ὅπερ πάσαι ἐλέγομεν, τὸ τῷ ἀρχομένῳ καὶ παρασκευάζει καὶ ἐπιτάττει, τὸ ἐκείνου συμφέρον ἥττονος ὄντος σκοποῦσα, ἀλλ' οὐ τὸ τοῦ κρείττονος. διὰ δὴ ταῦτα ἔγωγε, ὦ φίλε Θρασύμαχε, καὶ ἄρτι ἔλεγον μηδένα ἐθέλειν ἐκόντα ἄρχειν καὶ τὰ ἀλλότρια κακὰ μεταχειρίζεσθαι ἀνορθοῦντα, ἀλλὰ μισθὸν αἰτεῖν, ὅτι ὁ μέλλων καλῶς τῇ τέχνῃ πράξειν οὐδέποτε αὐτῷ τὸ βέλτιστον πράττει οὐδ' ἐπιτάττει κατὰ τὴν τέχνην ἐπιτάττων, ἀλλὰ τῷ ἀρχομένῳ: ὧν δὴ ἔνεκα, ὡς ἔοικε, μισθὸν δεῖν ὑπάρχειν τοῖς μέλλουσιν ἐθέλησιν ἄρχειν, ἢ ἀργύριον ἢ τιμὴν, ἢ ζημίαν ἐὰν μὴ ἄρχῃ. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira).

beneficia os amigos e prejudica os inimigos.<sup>33</sup> É na tentativa de refutar essa afirmação<sup>34</sup> que ele introduz as τέχναι na disposição argumentativa da conversa. Primeiro mostrando que cada τέχνη tem uma δύναμις específica e por meio dela dá algo a alguém:

Oh! Céus! – disse eu –. Então, se alguém perguntasse: “Ó Simónides, a arte a quem chamam de medicina, a que é que dá o que é devido e conveniente?” Que supões que ele responderia? – É evidente que dá aos corpos os remédios, a comida e a bebida. – E a arte que chamam de culinária, a que é que dá o que é devido e conveniente? – Dá aos alimentos os temperos. (*Rep.*, I, 332c-d)<sup>35</sup>

A ideia contida nessa passagem, interpretamos, é mostrar que um benefício não se origina e nem é transmitido aleatoriamente, mas precisa de uma causa específica e que comporta especificidades capazes de preencher faltas específicas. Por exemplo, a arte médica é indicada para aquele que sente falta de saúde. Na sequência, Sócrates afirma que quem lida com uma τέχνη específica é um demiurgo específico, responsável por dar aquilo que é necessário, segundo a τέχνη que possui:

E agora quem é mais capaz de fazer bem aos amigos doentes e mal a inimigos, em questão de doença e saúde? – O médico. E aos navegantes, relativamente aos perigos do mar? – O piloto. (...). Mas, meu caro Polemarco, para quem não estiver doente, médico é inútil. – É verdade. E o piloto para quem não está embarcado. – Sim. (*Rep.*, I, 332d-e)<sup>36</sup>

<sup>33</sup> Cf. εἰ μὲν τι, ἔφη, δεῖ ἀκολουθεῖν, ὃ Σώκρατες, τοῖς ἔμπροσθεν εἰρημένους, ἢ τοῖς φίλοις τε καὶ ἐχθροῖς ὠφελίας τε καὶ βλάβας ἀποδιδούσα. (*Rep.*, I, 332d) “Se temos que ser consequentes com o que se disse antes [a justiça] dá ajuda aos amigos e prejuízo aos inimigos”. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

<sup>34</sup> Na realidade trata-se de uma interpretação do argumento de autoridade atribuído à Simónides, “é justo restituir a cada um o que lhe deve” τὸ τὰ ὀφειλόμενα ἐκάστω ἀποδιδόναι δίκαιόν ἐστι. (*Rep.*, I, 331e)

<sup>35</sup> Cf. ὃ πρὸς Διός, ἦν δ’ ἐγώ, εἰ οὖν τις αὐτὸν ἤρετο: ‘ὦ Σιμωνίδη, ἢ τίσιν οὖν τί ἀποδιδούσα ὀφειλόμενον καὶ προσήκον τέχνη ἰατρικὴ καλεῖται;’ τί ἂν οἶε ἡμῖν αὐτὸν ἀποκρίνασθαι; - δηλον ὅτι, ἔφη, ἡ σώμασιν φάρμακά τε καὶ σιτία καὶ ποτά. - ἢ δὲ τίσιν τί ἀποδιδούσα ὀφειλόμενον καὶ προσήκον τέχνη μαγειρικὴ καλεῖται; - ἢ τοῖς ὄφους τὰ ἡδύσματα. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

<sup>36</sup> Cf. τίς οὖν δυνατώτατος κάμνοντας φίλους εὖ ποιεῖν καὶ ἐχθροὺς κακῶς πρὸς νόσον καὶ ὑγίαιαν; - ἰατρός. - τίς δὲ πλέοντας πρὸς τὸν τῆς θαλάττης κίνδυνον; - κυβερνήτης. (...) - εἶπεν: μὴ κάμνουσί γε μὴν, ὃ φίλε Πολέμαρχε, ἰατρὸς ἄχρηστος. - ἀληθῆ. - καὶ μὴ πλέουσι δὴ κυβερνήτης. - ναί. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)



Assim, o benefício parte daquele que tem o poder para aquele que necessita receber a benesse.

O termo *ὠφέλεια* entra em jogo novamente durante a conversa de Sócrates com Trasímaco, quando o sofista passa a defender que a justiça é um bem alheio, cujo favorecido é sempre o mais forte, no caso os governantes.<sup>37</sup> O termo que Trasímaco utiliza é *συμφέρω*, empregado com o sentido de “vantagem ou conveniência”, enquanto Sócrates opta por *ὠφέλεια*, que traz a acepção de “benefício ou utilidade”. Embora, no geral, as palavras também tenham algumas significações semelhantes, a escolha de Platão por utilizar uma na voz de Sócrates e outra na de Trasímaco acaba por destacar a oposição não só entre os interlocutores, mas também a oposição de ideias sustentada pelo termo aplicado em cada um dos argumentos.

Para observarmos essa oposição é necessário resgatar no diálogo o momento em que Trasímaco assume que a governança é uma *τέχνη* e afirma que não considera que artífice, sábio ou governante algum se engana enquanto ocupa a função:

Efetivamente, só quando o seu saber o abandona é que quem erra se engana e nisso não é um artífice. Por consequência, artífice, sábio ou governante algum se engana, enquanto estiver nessa função, mas toda gente dirá que o médico errou, ou que o governante errou. Tal é a acepção em que debes tomar a minha resposta de há pouco. Precisando os factos o mais possível: o governante na medida em que está no governo, não se engana; se não se engana, promulga leis que

---

<sup>37</sup> Cf. *φημι γὰρ ἐγὼ εἶναι τὸ δίκαιον οὐκ ἄλλο τι ἢ τὸ τοῦ κρείττονος συμφέρον.* (*Rep.*, I, 338c) “Afirmo que a justiça não é outra coisa senão a conveniência do mais forte” (τὸ τοῦ κρείττονος συμφέρον). Mais adiante o sofista afirma que: *τίθεται δέ γε τοὺς νόμους ἐκάστη ἢ ἀρχὴ πρὸς τὸ αὐτῆ συμφέρον, δημοκρατία μὲν δημοκρατικούς, τυραννὶς δὲ τυραννικούς, καὶ αἱ ἄλλαι οὕτως: θέμεναι δὲ ἀπέφηναν τοῦτο δίκαιον τοῖς ἀρχομένοις εἶναι, τὸ σφίσι συμφέρον, καὶ τὸν τούτου ἐκβαίνοντα κολάζουσιν ὡς παρανομοῦντά τε καὶ ἀδικοῦντα. τοῦτ’ οὖν ἐστίν, ὃ βέλτιστε, ὃ λέγω ἐν ἀπάσαις ταῖς πόλεσιν ταυτὸν εἶναι δίκαιον, τὸ τῆς καθεστηκυίας ἀρχῆς συμφέρον: αὕτη δὲ που κρατεῖ, ὥστε συμβαίνει τῷ ὀρθῶς λογιζομένῳ πανταχοῦ εἶναι τὸ αὐτὸ δίκαιον, τὸ τοῦ κρείττονος συμφέρον.* (*Rep.*, I, 338e) “Certamente que cada governo estabelece as leis de acordo com a sua conveniência: (συμφέρον) a democracia, leis democráticas; a monarquia, monárquicas; e outros da mesma maneira. Uma vez promulgada essas leis, fazem saber que é justo para os governos aquilo que lhes convém, (συμφέρον) e castigam os transgressores, a título de que violaram a lei e cometeram injustiça. Aqui tens meu caro amigo, aquilo que quero dizer, ao afirmar que há um só modelo de justiça em todas as póleis – que convém (συμφέρον) aos poderes constituídos. Ora, estes é quem detêm a força. De onde resulta, para quem pensar corretamente, que a justiça é a mesma em toda parte: conveniência (συμφέρον) do mais forte”. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

é melhor para ele, e é essa que deve ser cumprida pelos súbditos.  
(*Rep.*, I,340e-341a)<sup>38</sup>

Sócrates adere à proposta de Trasímaco porque o sofista coloca o ἔργον sob a orientação do conhecimento, o que proporciona ao filósofo a oportunidade de trabalhar a τέχνη sob o prisma de sua relação com um conhecimento próprio. Então ele responde à Trasímaco que toda τέχνη que se respalda na ἐπιστήμη é organizada de modo a “buscar e fornecer o que é vantajoso” para seu objeto:

Nem a equitação, ao vantajoso para equitação, mas vantajoso para os cavalos; nenhuma outra arte visa ao vantajoso para si, pois de nada precisa a mais, mas ao vantajoso daquele de quem é arte. – Parece que é assim, disse. – Mas, Trasímaco, as artes governam e dominam aqueles que as têm como sua arte. Nesse ponto ele concordou e muito a custo. Ah! Nenhum conhecimento tem em vista nem impõe o que é vantajoso para o mais forte, mas para o mais fraco e é governado por ela mesma. (*Rep.*, I, 342c-d)<sup>39</sup>

O sofista, por sua vez, acusa Sócrates de ser ingênuo e reafirma que a vantagem que se extrai da posse das τέχναι é voltada para aquele que a possui e não para outras pessoas e sequer para o todo, como será defendido pelo filósofo no Livro II, como justificação da existência das πολιεις. O argumento de Trasímaco se dá em torno do exemplo do pastoreio, que funciona como uma metáfora para a arte da governança. Sua tese atribui ao pastor, assim como ao governante, a disposição de lidar com o seu objeto buscando o próprio bem ou, no máximo, de outrem que lhe seja superior. Em outras palavras, há um produto que será gerado do pastoreio e esse não visa qualquer benefício para as ovelhas e sim inúmeras vantagens para o pastor.

---

<sup>38</sup> Cf. ἐπιλειπούσης γὰρ ἐπιστήμης ὁ ἀμαρτάνων ἀμαρτάνει, ἐν ᾧ οὐκ ἔστι δημιουργός: ὥστε δημιουργὸς ἢ σοφὸς ἢ ἄρχων οὐδεὶς ἀμαρτάνει τότε ὅταν ἄρχων ᾖ, ἀλλὰ πᾶς γ' ἂν εἴποι ὅτι ὁ ἰατρὸς ἤμαρτεν καὶ ὁ ἄρχων ἤμαρτεν. τοιοῦτον οὖν δὴ σοὶ καὶ ἐμὲ ὑπόλαβε νυνδὴ ἀποκρίνεσθαι: τὸ δὲ ἀκριβέστατον ἐκεῖνο τυγχάνει ὄν, τὸν ἄρχοντα, καθ' ὅσον ἄρχων ἐστίν, μὴ ἀμαρτάνειν, μὴ ἀμαρτάνοντα δὲ τὸ αὐτῷ βέλτιστον τίθεσθαι, τοῦτο δὲ τῷ ἀρχομένῳ ποιητέον. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira).

<sup>39</sup> Cf. οὐδὲ ἵππικὴ ἵππικῆ ἀλλ' ἵπποις: οὐδὲ ἄλλη τέχνη οὐδεμία ἑαυτῇ—οὐδὲ γὰρ προσδεῖται—ἀλλ' ἐκεῖνῳ οὗ τέχνη ἐστίν. - φαίνεται, ἔφη, οὕτως. - ἀλλὰ μὴν, ὦ Θρασύμαχε, ἄρχουσι γε αἱ τέχναι καὶ κρατοῦσιν ἐκεῖνου οὐπὲρ εἰσιν τέχναι. συνεχώρησεν ἐνταῦθα καὶ μάλα μόγις. οὐκ ἄρα ἐπιστήμη γε οὐδεμία τὸ τοῦ κρείττονος συμφέρον σκοπεῖ οὐδ' ἐπιτάττει, ἀλλὰ τὸ τοῦ ἡττονός τε καὶ ἀρχομένου ὑπὸ ἑαυτῆς. (Tradução: Anna Lia Amaral de Almeida Prado, com modificações.)

E tu julgas que os pastores ou os boieiros velam pelo bem das ovelhas ou dos bois, que engordam e tratam deles com outro fim em vista que não seja o bem dos patrões ou o próprio. E mesmo os que governam as *póleis*, aqueles que governam de verdade, supõe que as disposições para com os súbditos são diferentes das que têm pelos carneiros, que valem por outra coisa, dia e noite, que não seja tirarem proveito dele? E és tão versado em questão de justo e justiça, injusto e injustiça que desconheces serem a justiça e o justo um bem alheio, que na realidade consiste na vantagem (*συμφέρον*) do mais forte e de quem governa, e que é próprio de quem obedece e serve ter prejuízo; enquanto a injustiça é o contrário, e é quem manda nos verdadeiros ingênuos e justos; e os súbditos fazem o que é vantajoso (*συμφέρον*) para o mais forte e, servindo-o, tornam-no mais feliz a ele, mas de modo algum a si mesmo. (*Rep*, 343b-d)<sup>40</sup>

Para desconstruir a argumentação de Trasímaco, primeiro Sócrates tem que resgatar o momento que seu interlocutor tratou do verdadeiro médico, aquele que não erra (no caso do erro seria por falta de *ἐπιστήμη* e nessa condição não pode ser considerado um médico).<sup>41</sup> Sendo de fato assim, então, eles estão também lidando com o verdadeiro pastor e por analogia com o verdadeiro governante:

Ora, repara, ó Trasímaco – examinando ainda o que anteriormente tratámos – que, embora desejasses definir primeiro o verdadeiro médico, não achaste necessário prestar depois rigorosa atenção ao exemplo do verdadeiro pastor, mas supões que ele trata de engordar as ovelhas, na medida em que é pastor, não porque tenha em vista o

---

<sup>40</sup> Cf. ὅτι οἶει τοὺς ποιμένας ἢ τοὺς βουκόλους τὸ τῶν προβάτων ἢ τὸ τῶν βοῶν ἀγαθὸν σκοπεῖν καὶ παχύνειν αὐτοὺς καὶ θεραπεύειν πρὸς ἄλλο τι βλέποντας ἢ τὸ τῶν δεσποτῶν ἀγαθὸν καὶ τὸ αὐτῶν, καὶ δὴ καὶ τοὺς ἐν ταῖς πόλεσιν ἄρχοντας, οἱ ὡς ἀληθῶς ἄρχουσιν, ἄλλως πως ἡγῆ διανοεῖσθαι πρὸς τοὺς ἀρχομένους ἢ ὥσπερ ἂν τις πρὸς πρόβατα διατεθείη, καὶ ἄλλο τι σκοπεῖν αὐτοὺς διὰ νυκτὸς καὶ ἡμέρας ἢ τοῦτο, ὅθεν αὐτοὶ ὠφελήσονται. καὶ οὕτω πόρρω εἶπερ τε τοῦ δικαίου καὶ δικαιοσύνης καὶ ἀδίκου τε καὶ ἀδικίας, ὥστε ἀγνοεῖς ὅτι ἡ μὲν δικαιοσύνη καὶ τὸ δίκαιον ἀλλότριον ἀγαθὸν τῷ ὄντι, τοῦ κρείττονός τε καὶ ἄρχοντος συμφέρον, οἰκεία δὲ τοῦ πειθομένου τε καὶ ὑπηρετοῦντος βλάβη, ἢ δὲ ἀδικία τοῦναντίον, καὶ ἄρχει τῶν ὡς ἀληθῶς εὐηθικῶν τε καὶ δικαίων, οἱ δ' ἄρχόμενοι ποιοῦσιν τὸ ἐκείνου συμφέρον κρείττονος ὄντος, καὶ εὐδαίμονα ἐκείνου ποιοῦσιν ὑπηρετοῦντες αὐτῷ, ἑαυτοὺς δὲ οὐδ' ὅπωςιοῦν. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira, com modificação)

<sup>41</sup> Paul Shorey comenta em nota da sua tradução que Trasímaco abandonou a ideia de governante para abordar o governante histórico quando apresenta a afirmação que médico não erra quando possui conhecimento da sua arte. “He abandons the abstract (ideal) ruler, whom he assumed to be infallible and Socrates proved to be disinterested, for the actual ruler or shepherd of the people, who tends the flock only that he may shear it.” Conferir o comentário à passagem 342c da tradução de Paul Shorey editada pela The Loeb Classical Library de 1937.

que é melhor para elas, mas como um conviva ou uma pessoa que quer dar um banquete, para se regalar, ou então para as vender, como se fosse um homem de negócio, e não um pastor. Ora, a finalidade da arte do pastor não é outra, sem dúvida, senão aquela que foi destinada, conseguir a seu objecto o máximo bem estar – uma vez que seguramente está já dotado o bastante das qualidades específicas que lhe darão a supremacia, na medida em que nada lhe falte da sua essência da arte do pastoreio. Por estas razões, eu concluí há pouco que é forçoso que concordemos que todo o governo, como governo, não tem por finalidade velar pelo bem de mais ninguém, senão do súbdito de que cuida, quer este seja uma pessoa pública ou particular. (*Rep.*, I,354b-e)<sup>42</sup>

A questão da *ἐπιστήμη* nesse argumento está ligada ao que o pastor, ou seja, o detentor da *τέχνη* que realiza o *ἔργον*, é capaz de fazer com o conhecimento específico que ele tem acerca de um objeto específico. Qualquer elemento externo a isso passa a estar fora do que concerne especificamente à *τέχνη*. Em seguida Sócrates articula os termos *δύναμις*, para dizer “qual o poder ou a capacidade da arte”, e *ὠφέλεια*, destacando o “benefício ou utilidade” que uma *τέχνη* oferece a quem precisa dela. Assim podemos observar que os argumentos de Sócrates estarão contrapostos a *συμφέρω*, ou seja, a ter vantagem ou conveniência que Trasímaco atribui ao possuidor da *τέχνη*:

Não afirmamos nós sempre que cada uma das artes (*τέχνη*) se diferencia das outras pelo facto de ter uma potência (*δύναμις*) específica? E não respondas, meu caro, contra a tua opinião real, a ver se adiantamos alguma coisa. – Diferenciam-se por isso sim. – E não é verdade que cada uma das artes nos proporciona qualquer benefício (*ὠφέλεια*) específico, e não comum, como a medicina, a saúde, a do piloto, a segurança de navegação, e assim por diante? – Exatamente. Portanto, também a arte dos lucros tem o seu salário?

---

<sup>42</sup> Cf. *νῦν δὲ ὁρᾷς, ὦ Θρασύμαχε - ἔτι γὰρ τὰ ἔμπροσθεν ἐπισκεψόμεθα—ὅτι τὸν ὡς ἀληθῶς ἰατρὸν τὸ πρῶτον ὀριζόμενος τὸν ὡς ἀληθῶς ποιμένα οὐκέτι ᾧ δεῖν ὕστερον ἀκριβῶς φυλάξει, ἀλλὰ πιαίνειν οἶει αὐτὸν τὰ πρόβατα, καθ' ὅσον ποιμὴν ἐστίν, οὐ πρὸς τὸ τῶν προβάτων βέλτιστον βλέποντα ἀλλ', ὡσπερ δαιτυμόνα τινὰ καὶ μέλλοντα ἐστιάζεσθαι, πρὸς τὴν εὐωχίαν, ἢ αὐτὸν πρὸς τὸ ἀποδόσθαι, ὡσπερ χρηματιστὴν ἀλλ' οὐ ποιμένα. τῇ δὲ ποιμενικῇ οὐ δήπου ἄλλου του μέλει ἢ ἐφ' ᾧ τέτακται, ὅπως τοῦτο τὸ βέλτιστον ἐκποριεῖ—ἐπεὶ τὰ γε αὐτῆς ὡστ' εἶναι βελτίστη ἰκανῶς δήπου ἐκπεπόρισται, ἕως γ' ἂν μηδὲν ἐνδέη τοῦ ποιμενικῆ εἶναι—οὕτω δὲ ᾧ μὴν ἔγωγε νυνδὴ ἀναγκαῖον εἶναι ἡμῖν ὁμολογεῖν πᾶσαν ἀρχὴν, καθ' ὅσον ἀρχή, μηδενὶ ἄλλω τὸ βέλτιστον σκοπεῖσθαι ἢ ἐκείνῳ, τῷ ἀρχομένῳ τε καὶ θεραπευμένῳ, ἔν τε πολιτικῇ καὶ ἰδιωτικῇ ἀρχῇ.* (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

Pois é esse efeito que lhe é particular. Ou dás a mesma designação a arte de curar e à arte de pilotar? Ou – se na verdade queres formular uma definição rigorosa, conforme propuseste inicialmente, – no caso de um piloto ficar são, pelo facto de lhe ser benéfico andar embarcado no mar, não irás chamar, por causa disso, medicina a sua arte? – Certamente que não, replicou. – Tão pouco chamarás assim a arte dos lucros, segundo julgo, se alguém ficar são ao exercer uma profissão lucrativa. – Com certeza que não. E então, chamarás à medicina arte dos lucros se alguém, ao curar uma pessoa, ganhar um salário? – Não. – Acaso não concordamos que há um benefício (ὠφελίαν) peculiar à cada arte? – Seja. – Se há um benefício (ὠφελίαν) que gozam todos os artífices em comum, é manifesto que precisam empregar alguma faculdade adicional, comum a todos, e daí derivarem o benefício (ὠφελία) – Assim me parece – Ora nós afirmamos que o benefício dos artífices, quando ganham um salário, lhes advém de empregarem uma faculdade adicional à arte dos lucros. Concordou a custo. – Por conseguinte, não é de sua própria arte que advém a cada um esta vantagem, que é a obtenção de um salário; mas se devemos examinar a questão com rigor, a medicina produz saúde, a arte dos lucros, o salário, e a do arquitecto, uma casa; ao passo que a arte dos lucros, que a acompanha, dá salário. E as outras todas, igualmente, produz cada um o seu efeito e são benéficas àquele a quem se aplicam. Se porem não se lhe juntar um salário, é possível auferir algum benefício da sua arte. – Não me parece. – Mas acaso ele não é útil quando trabalha de graça? – Com certeza, assim penso. (*Rep.*, I, 346a-e)<sup>43</sup>

Em suma, Sócrates afirma que o salário (ou a vantagem) é um elemento externo à τέχνη e não é uma consequência direta. A principal consequência da arte médica, por

---

<sup>43</sup> Cf. οὐχὶ ἐκάστην μὲντοι φαμὲν ἐκάστοτε τῶν τεχνῶν τούτῳ ἐτέραν εἶναι, τῷ ἐτέραν τὴν δύναμιν ἔχειν; καί, ὃ μακάριε, μὴ παρὰ δόξαν ἀποκρίνου, ἵνα τι καὶ περαίνωμεν. - ἀλλὰ τούτῳ, ἔφη, ἐτέρα. - οὐκοῦν καὶ ὠφελίαν ἐκάστη τούτων ἰδίαν τινὰ ἡμῖν παρέχεται ἀλλ' οὐ κοινήν, οἷον ἰατρικὴ μὲν ὑγίαιαν, κυβερνητικὴ δὲ σωτηρίαν ἐν τῷ πλεῖν, καὶ αἱ ἄλλαι οὕτω; - πάνυ γε. - οὐκοῦν καὶ μισθωτικὴ μισθόν; αὕτη γὰρ αὐτῆς ἡ δύναμις; ἢ τὴν ἰατρικὴν σὺ καὶ τὴν κυβερνητικὴν τὴν αὐτὴν καλεῖς; ἢ ἄνπερ βούλη ἀκριβῶς διορίζειν, ὥσπερ ὑπέθου, οὐδὲν τι μᾶλλον, ἐάν τις κυβερνῶν ὑγιῆς γίγνηται διὰ τὸ συμφέρον αὐτῷ πλεῖν ἐν τῇ θαλάττῃ, ἔνεκα τούτου καλεῖς μᾶλλον αὐτὴν ἰατρικὴν; - οὐ δῆτα, ἔφη. - οὐδέ γ', οἶμαι, τὴν μισθωτικὴν, ἐάν ὑγίαινη τις μισθαρνῶν. - οὐ δῆτα. - τί δέ; τὴν ἰατρικὴν μισθαρνητικὴν, ἐάν ἰώμενός τις μισθαρνῆ; - οὐκ ἔφη. - οὐκοῦν τὴν γε ὠφελίαν ἐκάστης τῆς τέχνης ἰδίαν ὠμολογήσαμεν εἶναι; - ἔστω, ἔφη. - ἦντινα ἄρα ὠφελίαν κοινῇ ὠφελοῦνται πάντες οἱ δημιουργοί, δηλον ὅτι κοινῇ τινι τῷ αὐτῷ προσχρῶμενοι ἀπ' ἐκείνου ὠφελοῦνται. - εἰκοεν, ἔφη. - φαμὲν δέ γε τὸ μισθὸν ἀρνημένους ὠφελείσθαι τοὺς δημιουργοὺς ἀπὸ τοῦ προσχρησθαι τῇ μισθωτικῇ τέχνῃ γίγνεσθαι αὐτοῖς. συνέφη μόγις. - οὐκ ἄρα ἀπὸ τῆς αὐτοῦ τέχνης ἐκάστῳ αὕτη ἡ ὠφελία ἐστίν, ἢ τοῦ μισθοῦ λῆψις, ἀλλ', εἰ δεῖ ἀκριβῶς σκοπεῖσθαι, ἢ μὲν ἰατρικὴ ὑγίαιαν ποιεῖ, ἢ δὲ μισθαρνητικὴ μισθόν, καὶ ἢ μὲν οἰκοδομικὴ οἰκίαν, ἢ δὲ μισθαρνητικὴ αὐτῇ ἐπομένῃ μισθόν, καὶ αἱ ἄλλαι πᾶσαι οὕτως τὸ αὐτῆς ἐκάστη ἔργον ἐργάζεται καὶ ὠφελεῖ ἐκεῖνο ἐφ' ᾧ τέτακται. ἐάν δὲ μὴ μισθὸς αὐτῇ προσγίγνηται, ἔσθ' ὅτι ὠφελεῖται ὁ δημιουργὸς ἀπὸ τῆς τέχνης; - οὐ φαίνεται, ἔφη. - ἄρ' οὖν οὐδ' ὠφελεῖ τότε, ὅταν προῖκα ἐργάζεται; - οἶμαι ἔγωγε. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

exemplo, é a saúde e não o lucro. A principal consequência da carpintaria é o objeto construído e não o lucro e assim por diante.

### 3. Para cada τέχνη uma ἐπιστήμη

Toda essa passagem na qual Sócrates e Trasímaco debatem sobre o benefício ou a vantagem que decorre das τέχναι, se (vantagem) para o mais forte ou (benefício) para o mais fraco, também inclui outro aspecto importante para nossa discussão que é a relação entre o conhecimento (ἐπιστήμη) e arte (τέχνη). O tema fora introduzido pelo próprio Trasímaco na ocasião em que ele definiu a governança como uma τέχνη. Mas, se há um benefício extraído das τέχναι a ser oferecido a outrem é porque o demiurgo consegue antever os resultados que ele busca. E é pela posse do conhecimento que ele domina o processo produtivo e prevê as consequências que decorrem de sua ação.<sup>44</sup> É o conhecimento dos meios e do modo de lidar com os mecanismos práticos que possibilitam a realização de algo enquanto o conhecimento teórico torna possível

---

<sup>44</sup> A noção de τέχνη de Platão recobre tanto o âmbito prático quanto o conhecimento teórico, assim podemos afirmar que o ferreiro, o carpinteiro, o oleiro, o escultor, o cozinheiro, o pintor ou o médico, por exemplo, portadores de uma τέχνη, têm a ἐπιστήμη específica sobre os objetos específicos. Quem detém a τέχνη é um profissional especializado, um τεχνικός, conforme observamos ao destacar Thomas Meyer e Hermann Steinthal que comentam o vínculo etimológico entre os termos, ou seja, o τεχνικός sabe como lidar com um certo substrato em particular. Todavia, Platão usa o termo tekhnikós apenas em uma ocasião, para se referir do modo de vida que a alma de Epeu, o construtor do cavalo de Tróia, escolhera para sua próxima existência, a saber uma artesã (τεχνίτης). ἰδεῖν τὴν Ἐπειοῦ τοῦ Πανοπέως εἰς τεχνικῆς γυναικὸς ἰοῦσαν φύσιν (*Rep.*, X, 620c). “Viu a alma de Epeu, filho de Panopeu, escolher a condição de artesã”. (Tradução: Anna Lia Amaral de Almeida Prado.) Epeu foi o construtor do cavalo de Troia e vencedor no pugilismo nos jogos em honra de Patroclo realizado por Aquiles na *Ilíada*. Essa é a única ocorrência do termo na *República*. O termo que Platão explora é demiourgós, que ele usa para afastar a τέχνη do simples kheirotekhnítes, que ele se refere como um trabalhador manual, sem conhecimento epistêmico, sustentado pela experiência. “Cette association structurale constante - quoique changeante par les niveaux auxquels elle s'exerce - remettra en question l'écart ainsi projeté entre une science pure qui se réduiraient à une logique, et un empire exclusivement pratique condamnant la technique au tâtonnement et à l'à-peu-près. Ce que Platon révèle, au contraire, tout au long de son oeuvre, c'est que la technique doit être associée à la science et dissocié de l'expérience. en montrant, l'analyse de ces constantes structurales et par le relevé de ces oppositions et compositions de sens, que l'empirisme n'est pas plus le lot de la technique que le rationalisme n'est le privilège de la science, nous espérons faire la lumière sur ce rationalisme indissociablement scientifique et technique qui règle toute la philosophie platonicienne de la connaissance, ainsi que la philosophie politique qui par bien des aspects s'y rattache.” (JOLY, 1980, p. 218)

antever os resultados pressupostos. Roochnik (1998, p150) afirma que a “τέχνη é um tipo de conhecimento mais facilmente reconhecido. É paradigmático do conhecimento fornecer resultados úteis”<sup>45</sup> e essa análise tem respaldo, por exemplo, na, já mencionada, passagem em que Trasímaco introduz a relação entre o conhecimento e as τέχναι, citando expressamente que médico, governante e artífice só erram quando lhes falta ἐπιστήμη. Dessa forma, possuir τέχνη é possuir ἐπιστήμη.

Em contrapartida, a passagem 522b-c, onde se insere a geometria como um tipo de conhecimento capaz de arrastar a alma até “aquilo que é” (τὸ ὄν), parece, em um primeiro momento, estabelecer uma separação entre a τέχνη e a ἐπιστήμη. Platão estaria afirmando que as artes são “meramente mecânica” e por consequência os demiurgos são trabalhadores braçais? Nas palavras de Sócrates:

Mas, meu bom Gláucon, qual seria esse conhecimento? Pareceu-nos que todas as artes são meramente mecânicas (βάνουσοί)... – Sem dúvida. Mas então, que outro ensinamento nos resta, se excluirmos o da música, da ginástica e das artes? – Vamos, disse eu, fora isso nada mais temos, tomemos um dos conhecimentos que têm metas mais amplas. – Qual? Por exemplo, o que é de uso comum... Aquele que todas as τέχναι, as operações intelectuais e ἐπιστήμαι usam, aquele que necessariamente está entre os primeiros que qualquer um precisa aprender. – Qual? Disse – Este conhecimento banal, disse eu, distingue o um, o dois e o três... Em suma, o conhecimento do número e do cálculo. Ou não acontece que todas as τέχναι e ἐπιστήμαι forçosamente fazem uso deles? É bem isso que acontece, disse. (*Rep.*, VII, 522b-c)<sup>46</sup>

<sup>45</sup> Cf. “Techne is a the kind of knowledge most easily recognized. It is paradigmatic of knowledge issuing in useful results”. (ROOCHNIK, 1998 p. 150).

<sup>46</sup> Cf. ἀλλ', ὃ δαιμόνιε Γλαύκων, τί ἂν εἴη τοιοῦτον; αἶ τε γὰρ τέχναι βάνουσοί που ἅπασαι ἔδοξαν εἶναι — πῶς δ' οὐ; καὶ μὴν τί ἔτ' ἄλλο λείπεται μάθημα, μουσικῆς καὶ γυμναστικῆς καὶ τῶν τεχνῶν κεχωρισμένον; - φέρε, ἦν δ' ἐγώ, εἰ μηδὲν ἔτι ἐκτὸς τούτων ἔχομεν λαβεῖν, τῶν ἐπὶ πάντα τεινόντων τι λάβωμεν.- τὸ ποῖον; οἷον τοῦτο τὸ κοινόν, ᾧ πᾶσαι προσχρῶνται τέχναι τε καὶ διάνοιαι καὶ ἐπιστήμαι— ὃ καὶ παντὶ ἐν πρώτοις ἀνάγκη μαθάνειν.- τὸ ποῖον; ἔφη.- τὸ φαῦλον τοῦτο, ἦν δ' ἐγώ, τὸ ἐν τε καὶ τὰ δύο καὶ τὰ τρία διαγιγνώσκειν: λέγω δὲ αὐτὸ ἐν κεφαλαίῳ ἀριθμόν τε καὶ λογισμόν. ἢ οὐχ οὕτω περὶ τούτων ἔχει, ὡς πᾶσα τέχνη τε καὶ ἐπιστήμη ἀναγκάζεται αὐτῶν μέτοχος γίνεσθαι; - καὶ μάλα, ἔφη. - οὐκοῦν, ἦν δ' ἐγώ, καὶ ἡ πολεμικῆ; - πολλή, ἔφη, ἀνάγκη. (Tradução: Anna Lia Amaral de Almeida Prado com modificações)

Essa passagem da *República* pode ser reforçada por outras duas do *Filebo* onde o filósofo constata que algumas τέχναι, ao lidar com um objeto, debruçam-se sobre a concepção corpórea material e ignoram “o que sempre é”:

Será que te ocorreu que as múltiplas τέχναι e quem se dedica a seu ofício, recorrem, em primeiro lugar, às opiniões e limitam seu empenho apenas ao que diz respeito às opiniões? Assim, mesmo quando alguém julga investigar a natureza, deves saber que passam a vida inteira investigando as coisas deste nosso mundo aqui: como veio a ser, como é afetado, como atua? Afirmamos isso ou não? – Sim. – Assim, tal pessoa que toma para si esse trabalho está lidando não com as coisas que são sempre, mas com as coisas que veem a ser, que virão a ser ou que vieram a ser? – É a mais absoluta verdade. (*Filebo*, 58e-59a)<sup>47</sup>

Na passagem seguinte do mesmo diálogo Sócrates sintetiza a ideia:

Mais ainda, julgamos também que um conhecimento (ἐπιστήμη) se distingue de outro: um fixa o olhar nas coisas que vêm a ser e perecem, o outro nas que nem vêm a ser nem perecem, mas que sempre são do mesmo modo e sempre estão no mesmo estado. E, do ponto de vista da verdade, pensando que o segundo é mais verdadeiro. (*Filebo*, 61d-e)<sup>48</sup>

Henri Joly defende que a teoria do conhecimento platônica de fato estabelece uma separação entre o conhecimento teórico e o prático:

Mas à iliberalidade das τέχναι, corresponde simetricamente a pureza das ciências, livres de qualquer comprometimento com a atividade técnica. Vimos que de fato em Platão o critério de purificação é “transposto” para o âmbito do conhecimento e define uma epistemologia da pureza; ao que é purificado no objeto responde, no

---

<sup>47</sup> Cf. ὡς αἱ πολλὰ τέχναι, καὶ ὅσοι περὶ ταῦτα πεπόνηται, πρῶτον μὲν δόξαις χρῶνται καὶ τὰ περὶ δόξαν ζητοῦσι συντεταμένως; εἴ τε καὶ περὶ φύσεως ἡγεῖται τις ζητεῖν, οἶσθ' ὅτι τὰ περὶ τὸν κόσμον τόνδε, ὅπη τε γέγονεν καὶ ὅπη πάσχει τι καὶ ὅπη ποιεῖ, ταῦτα ζητεῖ διὰ βίου; φαίμεν ἂν ταῦτα, ἢ πῶς; - οὕτως. - οὐκοῦν οὐ περὶ τὰ ὄντα αἰεὶ, περὶ δὲ τὰ γινόμενα καὶ γενησόμενα καὶ γεγονότα ἡμῶν ὁ τοιοῦτος ἀνήρηται τὸν πόνον; - ἀληθέστατα. (Tradução: Fernando Muniz)

<sup>48</sup> Cf. καὶ ἐπιστήμη δὴ ἐπιστήμης διάφορος, ἢ μὲν ἐπὶ τὰ γινόμενα καὶ ἀπολλύμενα ἀποβλέπουσα, ἢ δ' ἐπὶ τὰ μῆτε γινόμενα μῆτε ἀπολλύμενα, κατὰ ταῦτα δὲ καὶ ὡσαύτως ὄντα αἰεὶ. ταύτην εἰς τὸ ἀληθὲς ἐπισκοποῦμενοι ἡγησάμεθα ἐκείνης ἀληθεστέραν εἶναι. (Tradução: Fernando Muniz)



conhecimento, o que é puro: o conhecimento é um encontro entre o purificado e o puro. Mas, se a purificação é a separação entre *gnôsis* e *aísthesis*, ela também consome a separação da *gnôsis* e da *práxis*. Convém distinguir, portanto, por referência ao seu *telos*, entre a *função teórica* da ciência, que se exerce “em vista do conhecimento”, e o *destino prático* da *tékhnē*, que opera “em vista da ação”. Da mesma forma, o esforço teórico de Platão para descobrir “uma ciência que atrai a alma daquilo que vem a ser para o que é” consiste em purificar a teoria da prática discriminando aqueles “geometricamente experientes” e “aqueles que, exercem uma prática e a tem como justificativa de suas ações, ao fazer suas declarações, falam do quadrado, de construir sobre uma linha feita, de adicionar ...”; de fato, “toda ciência é em vista do conhecimento que é cultivado”. Assim, se constituirá, em toda a sua pureza eidética e epistemológica, o que nós poderíamos chamar o ideal de ciência que se debruça sobre os objetos e relações inteligíveis, visando não produzir, mas conhecer. Além disso, essa distinção, que aparece nos textos da *República* reaparece, quase inalterada, em todas as obras platônicas. (JOLY, 1980, p211-213)<sup>49</sup>

Por outro lado, contrariando essa perspectiva de Joly, Henrique Murachco faz uma análise que, nos parece, coloca a *τέχνη* diretamente em contato com o *εἶδος*, que seria talvez justamente esse conhecimento puro o qual se refere. Na perspectiva de Murachco, possuir uma *τέχνη* permite o uso prático do conhecimento teórico que acessa as formas inteligíveis:

Não basta ter o *εἶδος*, isto é, a forma vista com os olhos da mente do marceneiro ou do ferreiro, é preciso que o marceneiro ou o ferreiro

---

<sup>49</sup> Cf. “Mais à l’illibéralité des techniques correspond symétriquement la pureté des sciences, dégagées de toute compromission avec l’activité technique. Nous avons vu en effet que, chez Platon, le critère de la purification est “transposé” au de la connaissance et définit une épistémologie de la pureté; à ce qui est épuré dans l’objet répond, dans la connaissance, ce qui est purifié: la connaissance est une rencontre du purifié et de l’épuré. Mais si la purification est la séparation de la *gnôsis* et de l’*aísthesis*, elle consomme aussi la séparation de la *gnôsis* et de la *praxis*. Il convient dès lors de distinguer par référence à leur *télos*, entre la fonction théoricienne de la science, qui s’exerce « en vue de la connaissance », et la destination praticienne de la technique, que opère “en vue de l’action”. Du même coup, l’effort théorique de Platon pour découvrir « une science attirant l’âme de ce qui devient vers ce qui est » Consiste à épurer la théorie de la pratique en discriminant ceux qui sont « géométriquement avertis » et « ceux qui, en tant que praticiens et en vue de la pratique, tiennent tous leurs propos et parlent de carrer, de construire sur une ligne donnée, d’ajouter... »; en effet, « toute la science, c’est en vue de la connaissance qu’elle est cultivée ». Ainsi se constitueraient, dans toute sa pureté eidétique et épistémologique, ce que l’on pourrait appeler l’idéal d’une science portant sur des objets et sur des rapports intelligibles et visant non à produire mais à connaître. D’ailleurs cette distinction, qui figure dans les textes de la *République*, se retrouve, presque inchangée, dans toute oeuvre platonicienne”. (Tradução nossa)

tenha arte-habilidade – τέχνη – para colocar no ferro ou na madeira a furadeira ou a lançadeira, isso nos leva a discutir o que é τέχνη. Τέχνη é, antes de tudo, a posse prática de processos necessários para executar esse ou aquele ato, é a habilidade prática, manual ou a habilidade potencial que chamam talento. Desse significado derivam outros por metáfora ou metonímia: conhecimento dos meios, articulação desses meios, expediente, habilidade, artifícios, artimanhas e até ofício e atividade. (MURACHCO, 1998, 13)

Mas, se a questão de Joly se sustenta na separação entre exercício prático e conhecimento teórico, Sócrates, no *Górgias*, afirma que a geometria, a aritmética e o cálculo são τέχναι que se cumprem mediante o λόγος, sem negar que haja a possibilidade de uma ínfima prática que seja:

Há, porém, outras artes que tudo cumprem mediante o discurso, e que requerem, por assim dizer, ou nenhum ou um ínfimo exercício prático, como a aritmética, o cálculo, a geometria, os jogos de peças e tantas outras artes. Para algumas os discursos quase se equivalem às ações; para a maioria, eles a excedem, e toda sua realização se faz inteiramente em discurso. (*Gor.*450d-e)<sup>50</sup>

Para além desta passagem do *Górgias*, ainda, e mais importante, podemos considerar a passagem 539e da *República*, nosso principal livro de estudo. Na passagem em questão, Platão especifica a necessidade da atividade prática justamente após todo aprendizado teórico para que assim se complete a educação do filósofo:

Vamos lá! Põe-lhe cinco! Depois disso deve mandá-los descer novamente à caverna e forçá-los a exercer os comandos militares e quantos pertencem aos jovens, a fim de que não fiquem atrás dos outros, nem mesmo em experiência. E até nesses lugares têm de ser postos à prova, a ver se, solicitados em todos os sentidos, se mantêm firmes ou se deixam abalar. (*Rep.*, VII, 539e-540a)<sup>51</sup>

<sup>50</sup> Cf. ἕτεροι δέ γέ εἰσι τῶν τεχνῶν αἱ διὰ λόγου πᾶν περαίνουσι, καὶ ἔργου ὡς ἔπος εἰπεῖν ἢ οὐδενὸς προσδέονται ἢ βραχέος πάνυ, οἷον ἡ ἀριθμητικὴ καὶ λογιστικὴ καὶ γεωμετρικὴ καὶ πεπτευτικὴ γε καὶ ἄλλαι πολλαὶ τέχναι, ὧν ἔνιαι σχεδὸν τι ἴσους τοὺς λόγους ἔχουσι ταῖς πράξεσιν, αἱ δὲ πολλαὶ πλείους, καὶ τὸ παράπαν πᾶσα ἡ πρᾶξις καὶ τὸ κύρος αὐταῖς διὰ λόγων ἐστίν. (Tradução: Daniel R.N. Lopes)

<sup>51</sup> Cf. ἀμέλει, εἶπον, πέντε θές. μετὰ γὰρ τοῦτο καταβιβαστέοι ἔσονταί σοι εἰς τὸ σπήλαιον πάλιν ἐκεῖνο, καὶ ἀναγκαστέοι ἄρχειν τά τε περὶ τὸν πόλεμον καὶ ὅσαι νέων ἀρχαί, ἵνα μηδ' ἐμπειρία ὑστερῶσι τῶν ἄλλων: καὶ ἔτι καὶ ἐν τούτοις βασανιστέοι εἰ ἐμμενοῦσιν ἐλκόμενοι πανταχόσε ἢ τι καὶ παρακινήσουσι. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

Assim, entendemos que a dimensão prática não determinaria essa distinção entre τέχνη e ἐπιστήμη, sendo a questão mais complexa, sobretudo se consideramos o próprio uso do *lógos* como uma forma de *práxis*.

Todavia, Schaerer também separa a concepção de τέχνη de ἐπιστήμη, para ele:

Parece, no entanto, que ἐπιστήμη é um conhecimento pessoal, independente das realizações práticas que ele pode determinar e sempre considerando de acordo com o indivíduo que o possui. Τέχνη, por outro lado, representa um conjunto de regras objetivas que o indivíduo busca alcançar na prática e que são externas a ele. (SHAERER, 1930, p.15)<sup>52</sup>

Certamente essa perspectiva de Schaerer se pauta pelo entendimento de que ἐπιστήμη não é τέχνη, o que de fato está correto. Mas, por outro lado, possuir uma τέχνη é possuir uma forma de ἐπιστήμη. Nas palavras de Cambiano:

Limitando-nos aos termos ἐπιστήμη e τέχνη, que mais nos interessam aqui, teríamos isso, enquanto τέχνη nos diálogos platônicos é sempre substituível com ἐπιστήμη, o inverso nem sempre seria verdadeiro. (CAMBIANO, 1991, p.222)<sup>53</sup>

Cambiano (1991, 221)<sup>54</sup> também retoma os estudos de John Lyons para enfatiza o caráter de equivalência entre os termos. Ele reafirma que a τέχνη pode ser entendida

---

<sup>52</sup> Cf. “Il semble bien toutefois qu’ἐπιστήμη soit une connaissance personnelle, indépendante des réalisations pratiques qu’elle peut déterminer et envisagée toujours en fonction de l’individu que le possède. Τέχνη au contraire, représente un ensemble de règles objectives que l’individu cherche à réaliser dans la pratique et qui sont extérieures à lui”. (Tradução nossa)

<sup>53</sup> Cf. “Limitandoci ai termini episteme e techne, che qui più ci interessano, si avrebbe che, mentre techne nei dialoghi platonici è sempre sostituibile con episteme, non sempre sarebbe vero l’inverso”. (Tradução nossa)

<sup>54</sup> Cf. “John Lyons ha elaborato alcuni criteri semantici per l’investigazione del significato rivestito nei dialoghi dai verbi episthai, eidenai, gignoskein, ecc., tutti connessi alle nozioni di sapere e di conoscere, assumendo come base le relazioni di ognuno di essi con altri all’interno di raggruppamenti contestuali-chiave. Attraverso l’individuazione dei tipi fondamentali di enunciati nei quali ricorre il campo semantico di techne – enunciati ai quali altri enunciati possono essere ridotti mediante trasformazioni – Lyons ha mostrato che il principio strutturale del campo semantico di techne è la sua derivazione, attraverso trasformazioni, da enunciati contenenti epistasthai. Ciò conferma quanto intuitivamente già molti filologi avevano fatto osservare sull’equivalenza dei termini techne ed episteme negli scritti platonici, i quali

como um conhecimento que possibilita uma atividade. Assim, podemos dizer que a τέχνη possui uma disposição epistêmica que se aplica ao processo de produção, ou seja, aquele que tem uma φύσις voltada para um ἔργον realiza este ἔργον com τέχνη e isso significa que ele possui um tipo específico de conhecimento que lhe permite o exercício efetivo da sua função, em outras palavras, ele tem os recursos técnicos para assumir a função. Importante ressaltar que Platão, na *República*, distingue um conhecimento em si, que é conhecer o cognoscível, do conhecimento relativo, que está diretamente relacionado a uma τέχνη específica e essa passagem reforça a posição de Cambiano:

A ciência em si é ciência do conhecimento, ou do objecto a dar-lhe, seja qual for. Mas uma ciência determinada é ciência de um objecto específico. Exemplifico: desde que surgiu a ciência de construção de casas, não foi ela separada das outras ciências, para a denominada arquitetura? – Certamente – E não foi pelo facto de ter características que não possuía nenhuma outra? – Foi – E não foi depois que se aplicou a um determinado objecto que adquiriu essas características? E com as outras artes e ciências não sucedeu o mesmo? – Assim é. – Confessa pois – disse eu – se agora percebeste, que era isso que eu então queria dizer, que todas as coisas que têm determinadas qualidades relativamente a um objecto, só por si, apenas consigo se relacionam; se em relação a objetos determinados, tornam-se coisas determinadas. E não digo o que se relaciona com certo objecto seja semelhante a esse objecto, como, por exemplo, que a ciência da saúde e da doença seja saudável ou doentia, e a ciência do mal e do bem má ou boa. Mas, uma vez que a ciência já não é ciência em si, mas de um objeto determinado – o qual era a saúde e a doença – resultou uma ciência determinada, e isso fez com que já não se chamasse simplesmente ciência, mas ciência médica, segundo a espécie particular que se tornou. (*Rep*, IV, 438c-e)<sup>55</sup>

---

avrebbero recuperato la concezione arcaica di episteme non come sapere concernente fatti, bensì come conoscenza che rende possibile un'attività”.

<sup>55</sup> Cf. ἐπιστήμη μὲν αὐτὴ μαθήματος αὐτοῦ ἐπιστήμη ἐστὶν ἢ ὅτου δὴ δεῖ θεῖναι τὴν ἐπιστήμην, ἐπιστήμη δὲ τις καὶ ποιότης τοιοῦτος καὶ τινός. λέγω δὲ τὸ τοιόνδε: οὐκ ἐπειδὴ οἰκίας ἐργασίας ἐπιστήμη ἐγένετο, διήνεγκε τῶν ἄλλων ἐπιστημῶν, ὥστε οἰκοδομικὴ κληθῆναι; τί μήν; ἄρ' οὐ τῶν ποιότης εἶναι, οἷα ἕτερα οὐδεμία τῶν ἄλλων; ναί. οὐκοῦν ἐπειδὴ τοιοῦτος, καὶ αὐτὴ ποιότης ἐγένετο; καὶ αἱ ἄλλαι οὕτω τέχναι τε καὶ ἐπιστήμαι; ἐστὶν οὕτω. τοῦτο τοίνυν, ἦν δ' ἐγώ, φάθι με τότε βούλεσθαι λέγειν, εἰ ἄρα νῦν ἔμαθες, ὅτι ὅσα ἐστὶν οἷα εἶναι αὐτῶν, αὐτῶν μόνων ἐστὶν, τῶν δὲ ποιῶν τινῶν ποιῶντα. καὶ οὐ τί λέγω, ὡς, οἷων ἂν ἦ, τοιαῦτα καὶ ἐστὶν, ὡς ἄρα καὶ τῶν ὑγιεινῶν καὶ νοσῶντων ἢ ἐπιστήμη ὑγιεινὴ καὶ νοσώδης καὶ τῶν κακῶν καὶ τῶν ἀγαθῶν καὶ ἀγαθῆ: ἀλλ' ἐπειδὴ οὐκ αὐτοῦ οὐπὲρ ἐπιστήμη ἐστὶν ἐγένετο ἐπιστήμη, ἀλλὰ τοιοῦτος, τοῦτο δ' ἦν ὑγιεινὸν καὶ νοσῶδες, ποιὰ δὲ τις συνέβη καὶ αὐτὴ γενέσθαι, καὶ τοῦτο αὐτὴν ἐποίησεν μηκέτι ἐπιστήμην ἀπλῶς καλεῖσθαι, ἀλλὰ τοῦ τοιοῦτος προσγενομένου ἰατρικῆν. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

O foco que Joly e Schaerer dão à dimensão prática da τέχνη é em vista da importância da ação produtiva no exercício de algumas funções, mas o marceneiro conhece e produz o seu objeto, o médico conhece e cura o seu objeto. Esse “conhecer” e “agir” ou “conhecer” e “produzir” expressa justamente a dimensão teórica da τέχνη em consonância com a dimensão prática:

Platão dá um passo adiante e reduz o conhecimento do processo de perito para o conhecimento desse objeto ou fim. O senso comum, ao contrário, assume que a habilidade técnica de um carpinteiro não inclui a decisão de qual cadeira fazer, mas apenas a capacidade e perícia nos meios, que é uma maneira específica de trabalhar com madeira - como fazê-lo. Obviamente, como um especialista em meios ele fará boas cadeiras. Também é óbvio que para determinar quem é um bom carpinteiro, o peso do julgamento não é colocado em suas boas intenções, mas em que medida o resultado não se desvia do objetivo. Este é, contudo, o ponto de vista da intenção final da atividade de meios como tais. Platão, ao contrário do senso comum, aborda a atividade dos meios do ponto de vista de seus resultados. Ao radicalizar a compreensão do senso comum da τέχνη enfatizando que ela é orientada a objetos, Platão não apenas anexa a razão instrumental a questões práticas, mas também atividades teóricas como a matemática. Entre seus exemplos de τέχνη, ele inclui atividades em que fins e meios são simultâneos, onde a própria distinção entre meios e fins, que implica uma lacuna no tempo entre a atividade e seu produto final, torna-se irrelevante. No entanto, apesar da intenção de Platão, esse ato e seu objeto ainda podem ser considerados distintos e diferentes um do outro em ambos os casos. (BALABAN, 2007. 9-10)<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> Cf. “Plato takes it a step further and reduces the knowledge of the process of expert doing of to the knowledge of this object or end. Common sense, on the contrary, assumes that the technical skill of a carpenter does not include the decision of what chair to make, but only the capacity and expertise in the means, which is a specific way of working with wood - how to make it. Obviously, as an expert on means he will make good chairs. It is also obvious that to determine who is a good carpenter, the weight of the judgment is not placed on his good intentions but to what extent the resulted does not deviate from the goal. This is however the point of view of the final intention of the activity of means as such. Plato, unlike common sense, addresses the activity of means from the point of view of its results. In radicalizing the common sense understanding of τέχνη by emphasizing that it is object oriented, Plato does not only attach instrumental reason to practical issues, but to theoretical activities like mathematics as well. Among his examples of τέχνη, he includes activities in which ends and means are simultaneous where the very distinction between means and ends, that entails a gap in the time between the activity and its final product becomes irrelevant. However, despite Plato's intention, that act and its object still can be regarded as distinct and different from each other in in both case”. (Tradução nossa)

A τέχνη, portanto, não diz respeito simplesmente a uma habilidade manual, mas a um saber-fazer que confere a capacidade de realizar corretamente uma função. Tendo em si a noção de método e aprendizado a τέχνη está relacionada com o conhecimento teórico que antevê o resultado desejado e aplica meios cabíveis para alcançá-lo. Assim, posto que a aquisição do conhecimento é necessária para se alcançar o resultado final, a τέχνη designa, ao mesmo tempo, esforços corporais e intelectuais. Em outras palavras, a τέχνη exige conhecimentos práticos e por ser uma expressão do artifício, da engenhosidade, exige também conhecimento racional e tem valores que buscam a exatidão e a justeza. Isso nos permite enfatizar que o demiurgo lida, no exercício de um ἔργον, tanto com o conhecimento teórico, quanto o prático. Nesse caso, quem possui uma τέχνη, possui uma ἐπιστήμη, que permite o exercício consciente da atividade que é determinada em suas especificidades.<sup>57</sup>

Retomando, então, as passagens 522b-c *República* e 58e-59a e 61d-e do *Filebo*, observamos que embora elas ressaltem que há uma primazia hierárquica do conhecimento “do que sempre é”, entendemos que as passagens não negam aos demiurgos que lidam com “o que vem a ser” a noção de conhecimento. Não há uma distinção categórica estabelecendo que as τέχναι são desprovidas de ἐπιστήμη, mas que há modos de lidar com o conhecimento. Assim, quando Platão afirma que “o conhecimento em si é o conhecimento do cognoscível, mas conhecimento determinado é conhecimento de determinado objeto” (*Rep.*, IV,438)<sup>58</sup>, ele não está separando ἐπιστήμη de τέχνη, mas especificando as esferas produtivas dentro do seu caráter produtivo e a esfera contemplativa em sua especificidade. Isso permite que se afirme a diversidade de τέχναι que corresponde a cada ἔργον no contexto da πόλις e também dá justificção para o modo de trabalho de um outro tipo de demiurgo, a saber, do filósofo,

---

<sup>57</sup> “Il correlato di questa affermazione è che l'oggetto di una tecnica è diverso dagli oggetti delle altre tecniche e che la diversità di oggetti sta alla base della diversità delle tecniche. Le cose che conosciamo con una tecnica, non le conosciamo con un'altra, nel senso che una è episteme di alcuni oggetti, mentre l'altra lo è di altri, il che spiega anche la diversità delle loro denominazioni”. (CAMBIANO, 1991, 223)

<sup>58</sup> ἐπιστήμη μὲν αὐτῆ μαθήματος αὐτοῦ ἐπιστήμη ἐστὶν ἢ ὅτου δὴ δεῖ θεῖναι τὴν ἐπιστήμην, ἐπιστὴ μὴ δέ τις καὶ ποιότης ποιοῦ τινος καὶ τινός. (Tradução Maria Helena da Rocha Pereira)

que lida com um substrato inteligível e produz algo inteligível. Podemos dizer, portanto, que essa perspectiva amplia a concepção de ἐπιστήμη, que, eventualmente, é avaliada exclusivamente como disposição teórica, diminuindo a importância da ação ou da atividade. Essa concepção é congruente inclusive com a figura do filósofo governante proposto por Platão na *pólis lógoi*.

### Considerações finais

É inegável que na *República* a τέχνη possui grande centralidade e está entre os elementos que possibilitam encontrar o conceito de justiça, objetivo dos participantes do diálogo. A rigor, sabemos que Sócrates e seus interlocutores só encontram a justiça após fundarem a *pólis lógoi*. Cidade esta que, para ser considerada justa, deve ter como princípio a especialização das funções, ou seja, cada membro da cidade realiza somente aquilo que lhe cabe fazer. Deste modo, a *pólis* somente pode ser considerada harmônica, coesa e justa se seus cidadão e cidadãs realizam suas funções com perfeição, algo possível se o exercício de suas tarefas for realizado com ἀρετή e τέχνη.

Para construir este argumento Platão nos apresenta nas palavras de Sócrates uma espécie de antropologia que mostra o ser humano como uma espécie fraca, incapaz de satisfazer todas as suas necessidades e, de tal forma, proteger a sua vida se estiver separado de outras pessoas. Assim, a vida em sociedade se torna uma realidade para que cada um ofereça ao outro sua capacidade de produzir algo que satisfaça as necessidades comuns. No primeiro momento essas necessidades são referentes a manutenção da vida, mas em um segundo momento, além de sobreviver, o ser humano passa a se projetar a partir dos elementos da cultura, o que elabora a existência humana e passa a exigir outros modos de conviver em comunidade. Como foi dito ao longo do presente texto, é nesse ambiente que pessoas com naturezas distintas oferecem uns aos outros a capacidade que lhes é inerente por natureza. É nesse elo entre a falta e a capacidade de suprir a falta que os cidadãos e cidadãs passam a assumir uma função útil para a cidade. E, por sua vez, para a realização da função que está em concordância

com a natureza é preciso que a τέχνη seja aprendida e aplicada em benefício da cidade. A τέχνη é o conjunto de conhecimento que permite a realização de algo com ἀρετή. Em outras palavras, é a τέχνη que dá a aquele que tem um ἔργον a capacidade específica para que sua função seja exercida excelência. Então, a πόλις é, fundamentalmente, o espaço onde as pessoas realizam suas naturezas por meio das atividades que exercem e as exercem para satisfazer as suas necessidades mais prementes de todos que compõem a cidade.

De partida, no diálogo, Platão já dá a perspectiva da importância das τέχναι quando Sócrates nos indica que elas serão os elementos que possibilitam convergência dos indivíduos para a vida em comum. Especificamente a partir do momento que cada pessoa, exercendo apenas uma função na cidade, repetimos, aquela para a qual a natureza lhe proporcionou maior aptidão e os estudos possibilitou o aprimoramento e ampliação da capacidade de realizar, a vida na comunidade se torna viável e harmônica.

A rigor, as funções exercidas na comunidade, no primeiro momento, são absolutamente relativas à sobrevivência, mas não há como negar que a natureza se estabelece em relação ao ἔργον e este é, como verificamos ao longo do texto, se exerce a partir de uma τέχνη, já que, nos avisa Sócrates, para produzir vestimenta, produzir casa, para praticar a agricultura é necessária uma natureza específica. Assim, no seu nascimento, todos exercem a função que lhe cabe, produzindo uns para os outros os bens que servem para manter a vida. Posteriormente, quando em seu processo de restituição da saúde, a cidade é separada em suas classes e passa a especificar suas funções de modo mais complexo. Assim, se antes o cerne era a manutenção da vida, no segundo momento se trata de manter o modo de vida justo. Neste cenário cada uma das classes exercerá funções que correspondem com aspectos mais dilatados da natureza que é própria de cada um.<sup>59</sup> Alguns serão responsáveis pela parte econômica da cidade, estes com a natureza apta para ganhar dinheiro, outros realizarão a função de defesa da

---

<sup>59</sup> Há de fato uma distinção de posse de τέχνη entre o agricultor e o construtor de casas, por exemplo, ambos podem ser considerados pertencentes a classe que definimos neste momento como voltadas para a parte econômica, mas maior é a diferença entre o construtor de casa e o governante ou mesmo entre o governante e o guerreiro.



cidade, tendo suas naturezas voltadas não para o dinheiro, mas para a honra e, por fim, os que irão governar a cidade, estes desinteressados tanto da honra quanto da riqueza, mas por possuírem naturezas especificamente filosóficas são aptos para o exercício do governo.

É por relacionar a atividade de governo com a filosofia que é importante que verifiquemos as relações da τέχνη com concepção de ἐπιστήμη no texto platônico. Fundamentalmente, como defendemos ao longo do presente texto, para se possuir uma τέχνη é necessário que se tenha uma ἐπιστήμη específica. Em outras palavras, quem possui uma τέχνη possui uma ἐπιστήμη que possibilita a realização do ἔργον que lhe cabe na cidade, seja essa função a produção de casas, porque todos precisam de um lugar para morar, seja a produção de comida, porque todos precisam se alimentar, seja a função guerreira, porque a cidade precisa de proteção ou a função de governo, porque a cidade precisa de um governante, o que importa é que a τέχνη em benefício da cidade. Assim, temos que considerar que o governo da cidade exige, tal como todas as outras funções exigem, uma τέχνη específica, que possui uma ἐπιστήμη específica, para o exercício deste ἔργον específico. Por sua vez, a filosofia, por aproximar o filósofo do conhecimento da ideia de bem, é o que possibilita uma maior capacidade para exercer o governo da πόλις e são, portanto os filósofos<sup>60</sup> que devem assumir essa responsabilidade, embora não seja este o desejo deles.

---

<sup>60</sup> Cf. ἐὰν μή, ἦν δ' ἐγώ, ἢ οἱ φιλόσοφοι βασιλεύσωσιν ἐν ταῖς πόλεσιν ἢ οἱ βασιλεῖς τε νῦν λεγόμενοι καὶ δυνάσται φιλοσοφήσωσι γνησίως τε καὶ ἰκανῶς, καὶ τοῦτο εἰς ταῦτόν συμπέση, δύναμις τε πολιτικῆ καὶ φιλοσοφία, τῶν δὲ νῦν πορευομένων χωρὶς ἐφ' ἑκάτερον αἱ πολλαὶ φύσεις ἐξ ἀνάγκης ἀποκλεισθῶσιν, οὐκ ἔστι κακῶν παῦλα, ὧ φίλε Γλαύκων, ταῖς πόλεσιν, δοκῶ δ' οὐδὲ τῷ ἀνθρωπίνῳ γένει, οὐδὲ αὕτη ἡ πολιτεία μὴ ποτε πρότερον φυῆ τε εἰς τὸ δυνατὸν καὶ φῶς ἡλίου ἴδη, ἦν νῦν λόγῳ διεληλύθαμεν. ἀλλὰ τοῦτό ἐστιν ὃ ἐμοὶ πάλαι ὄκνον ἐντίθησι λέγειν, ὀρῶντι ὡς πολὺ παρὰ δόξαν ῥηθήσεται: χαλεπὸν γὰρ ἰδεῖν ὅτι οὐκ ἂν ἄλλη τις εὐδαιμονήσειεν οὔτε ἰδίᾳ οὔτε δημοσίᾳ.” (Rep., V, 473c-e) “Enquanto não forem, ou os filósofos reis nas cidades, ou os que agora se chamam reis e soberanos filósofos genuínos e capazes, e se dê essa coalescência do poder político com a filosofia, enquanto as numerosas naturezas que actualmente seguem um destes caminhos com exclusão do outro não forem impedidas forçosamente de o fazer, não haverá trégua dos males, meu caro Gláucōn, para as cidades, nem sequer, julgo eu, para o gênero humano, nem antes disso será jamais possível e verá a luz do sol a cidade que há pouco descrevemos. Mas isto é o que há muito hesitava em dizer, por ver como seriam paradoxais essas afirmações. Efetivamente, é penoso ver que não há outra felicidade possível, particular ou pública”. (Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira)

## REFERÊNCIAS

- BALABAN, O. *The Meaning of >Craft< (τέχνη) in Plato's Early Philosophy*, Archiv für Begriffsgeschichte. Vol. 49, 2007, pp 7-30 p. 9-10
- BALANSARD, Anne; BRISSON, Luc. *Techné dans les dialogues de Platon: l'empreinte de la sophistique*. Sankt Augustin: Academia, 2001.
- CAMBIANO, G. *Platone e le tecniche*. Roma: Laterza, 1991.
- CHANTRAINE, P. “Trois noms grecs de l'artisan (δημιουργός, βάνανσος, χειρῶναξ)” *In: Mélanges de philosophie grecque*. Paris: Offerts MGR, 1966.
- EDWARDS, Alex. *Logos and Ergon in Book I of Plato's Republic Pseudo-Dionysius*, XVII - 2015, 87-95
- KNIES, Kenneth, Taking the strict account of techne seriously: An interpretative direction in Plato's Republic, 111 - 125, ΣΧΟΛΗ Vol. 8. 1 (2014), p. 122
- MURACHCO, H. G., *Eidos – téchne – tektón* in: *HIPNOS*, 4, 1998, p.13.
- PLATO. *The Republic of Plato*. Editado por James Adam. London: Cambridge University Press, 1902, 1 v.
- \_\_\_\_\_. *The Republic of Plato*. Editado por James Adam. London: Cambridge University Press, 1902, 2 v.
- \_\_\_\_\_. *República*. Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. 2ª edição. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2014
- \_\_\_\_\_. *República*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 9a. edição. Lisboa: Fundação Calouste Gilbenkian, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Górgias*. Tradução, introdução e notas de Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Filebo*. Tradução de Fernando Muniz. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- PLATÃO. *Ion*. Tradução de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- REEVE, C. D. C. *Philosopher King, The argument of Plato's Republic*. Cambridge: Hackett, 2006.

SCHAERER, René. *Επιστήμη και τέχνη etude sur le notions connaissance et d'art d'Homère a Platon*. Macon: Proat Press, 1930.